



# Teologia Brasileira

Nº 83 | 2020 ISSN 2238-0388

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova	2
Editorial	3
Os batistas e sua herança reformada <i>Judiclay S. Santos</i>	4
Uma declaração de fé e vida <i>David F. Wright</i>	27
<i>Imago Dei</i> em confinamento: uma questão além da ciência <i>Warton Hertz</i>	33
A extinção da religião no comunismo <i>Willy Robert Henriques</i>	46
Lançamentos	54



VIDA NOVA

## Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplem a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

### Corpo editorial

Editor responsável:

Franklin Ferreira

Coordenador de produção:

Sérgio Siqueira Moura

Revisão:

Josiane de Almeida e Jonathan Silveira

Contato:

[teologiabrasileira@vidanova.com.br](mailto:teologiabrasileira@vidanova.com.br)



## Editorial

Já está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira! Nesta edição, Judiclay Santos oferece-nos um panorama sobre a história dos batistas e sua herança reformada. Judiclay faz uma análise acerca das origens, as influências e o legado dos batistas.

Consciente de que a ética sexual cristã é relevante e vem sido questionada, David Wright (1937-2008) apresenta uma declaração de fé e vida que foi redigida e assinada em uma reunião em janeiro de 1994 por líderes de onze organizações evangélicas e renovadas da Igreja, incluindo, por exemplo, os Presbíteros Presbiterianos em Oração, a Comunhão de Pastores Evangélicos da PCUSA, o Comitê Presbiteriano de Leigos e o Centro Presbiteriano de Estudos de Missões.

Warton Hertz, por sua vez, faz uma análise da doutrina da imago Dei e apresenta suas implicações à pandemia de COVID-19. Segundo Warton, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, o homem é um ser social e seu funcionamento em comunidade não deve ser obstado.

Por fim, Willy Robert Henrique nos mostra como o regime comunista perseguiu e extinguiu a religião durante a revolução russa. Willy faz sua análise baseando-se no livro “História Concisa da Revolução Russa”, do historiador Richard Pipes.

No vídeo desta edição, apresentamos uma palestra de Franklin Ferreira sobre o Espírito Santo na história da igreja.

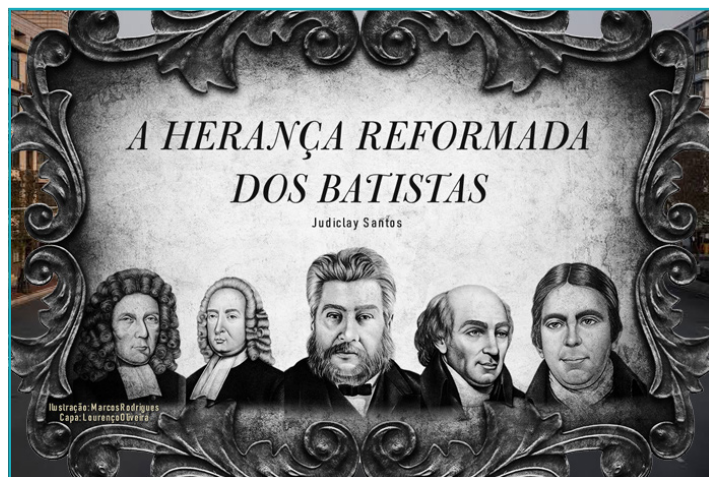
Franklin nos mostra como o Espírito Santo era compreendido pelos pais da igreja, pela teologia medieval, pelos reformadores e pós-reformadores e, por fim, pela teologia contemporânea.



Boa leitura!

# Os batistas e sua herança reformada

Judiclay S. Santos



Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele.<sup>1</sup>

O presente ensaio tem como propósito apresentar um panorama sobre a história dos batistas e sua herança reformada. Faremos uma análise acerca das origens, as influências e o legado dos batistas. Onde e como surgiram? Existe um fundador? Quais são as tradições teológicas que influenciaram os primeiros batistas? Os batistas têm uma herança calvinista? Em primeiro lugar, mostraremos as raízes históricas dos batistas no contexto puritano, sob a influência do movimento separatista inglês. Em seguida, apresentaremos uma visão panorâmica dos primeiros batistas, seus principais nomes e as tradições teológicas herdadas, bem como suas contribuições e seu legado.

A história dos batistas é muito interessante e instrutiva. Um pequeno grupo de cristãos, sob circunstâncias adversas, cresceu e tornou-se um movimento global com milhões de membros em todo o mundo. O começo foi difícil e confuso, mas, sob a direção da Providência, os batistas cresceram e frutificaram. O pequeno grão

---

<sup>1</sup>Jeremias 6.16 (Almeida Revista e Corrigida)

de mostarda é hoje uma árvore frondosa. Os batistas, tal como outras denominações cristãs, surgiram a partir da Reforma Protestante do século XVI. A gênese dos batistas está vinculada aos desdobramentos históricos do protestantismo na Inglaterra.

Os batistas nasceram na Inglaterra do século XVII, no contexto do Puritanismo e do subsequente movimento Separatista inglês<sup>2</sup>. Existe uma estreita relação entre os acontecimentos na Inglaterra, sobretudo durante o reinado de Elizabeth I, e o início do movimento batista. Os primeiros batistas eram ingleses que saíram da Igreja Anglicana e, tal como outros grupos dissidentes, deram início a novas denominações protestantes. Os puritanos e o movimento separatista inglês são o pano de fundo para entender o surgimento dos batistas, suas influências e algumas de suas marcas distintivas.

## 1. Os puritanos e o movimento separatista

A Reforma Protestante do século XVI foi um movimento de renovação espiritual que propôs um retorno às Sagradas Escrituras como uma espécie de prumo da graça, a partir do qual a igreja deveria alinhar suas doutrinas e práticas. Martinho Lutero, um dos principais líderes do protestantismo do século XVI, redescobriu o evangelho da graça como o verdadeiro tesouro da igreja. A Reforma foi um dos principais acontecimentos do milênio passado. Houve uma profunda e ampla mudança ética e espiritual na vida da Igreja. Não obstante ter sido primariamente um movimento de natureza religiosa, a Reforma Protestante teve implicações nas esferas políticas, econômicas, sociais e culturais. As reformas promoveram um poderoso impacto, capaz de reconfigurar a Europa e lançar as bases da sociedade moderna no mundo Ocidental.

A Reforma começou na Alemanha, mas em pouco tempo espalhou-se pela Europa. O rei Henrique VIII decretou o Ato de Supremacia (1534) e revogou a autoridade do Papa sobre a Igreja na Inglaterra. Havia motivações políticas e interesses pessoais na decisão do monarca inglês que passou a ser o “cabeça da Igreja” e a principal autoridade em matéria de fé. A Igreja Anglicana, com

---

<sup>2</sup>“Defino o Puritanismo como movimento dos séculos XVI e XVII, na Inglaterra, que procurar reformar e renovar profundamente a igreja da Inglaterra, além do que era permitido pelo Acordo Elizabetano”. PACKER, J.I. Entre os Gigantes de Deus. Uma visão puritana da vida cristã. Editora Fiel: São José do Campos-SP, p. 33



seus desdobramentos, seria o útero de muitas igrejas, inclusive das igrejas batistas. Com a morte de Henrique VIII, reinaram os seus filhos, Eduardo VI<sup>3</sup> (protestante) e, depois, Maria I<sup>4</sup> (católica). Nesse período houve intenso conflito entre católicos e protestantes e a Inglaterra ficou dividida. Sob o reinado de Elizabete I, foi feito um pacto nacional que buscou reconciliar a nação e promover a paz e a estabilidade política e religiosa. Na prática, o acordo elisabetano criou uma igreja híbrida, “calvinista em sua teologia, mas erastiniana em sua ordem e governo”.<sup>5</sup>

O movimento Puritano foi formado por ministros anglicanos que desejavam uma reforma mais profunda e ampla tanto na teologia quanto na vida da Igreja da Inglaterra. Muitos deles haviam buscado refúgio no continente e foram influenciados pelo movimento reformado na Suíça, especialmente em Genebra e Zurique. Alguns reformadores ingleses foram diretamente influenciados por João Calvino e outros reformadores. Os puritanos cresceram em número e em força e o desejo de purificar a igreja dos resíduos papistas era inamovível. “O interesse principal do puritano é por uma Igreja pura, uma Igreja verdadeiramente Reformada. O puritanismo começou com este interesse por uma Reforma completa, e isso levou a toda doutrina da Igreja.”<sup>6</sup>

No início do século XVII, a Inglaterra experimentou grandes mudanças. Com a morte de Elizabete I, chegou ao fim a dinastia Tudor. Tiago I, da família Stuart, passou a reinar. Ele era escocês e presbiteriano, o que ascendeu as esperanças dos puritanos quanto aos anseios de ter uma igreja mais amplamente reformada, sobretudo na liturgia e na forma de governo. No entanto, ao contrário do que

---

<sup>3</sup>Eduardo VI assumiu o trono da Inglaterra e Irlanda em 1547. Educado sob os cuidados do Arcebispo Thomas Cramner, o rei Eduardo VI favoreceu a causa Protestante, sendo chamado de “o Josias da Inglaterra”. Infelizmente seu reinado foi curto. Ele faleceu aos dezesseis anos de idade.

<sup>4</sup>Maria I, filha de Catarina de Aragão e Henrique VIII, reverteu o trabalho de reforma que seu irmão havia implementado e buscou restaurar o catolicismo na Inglaterra. Perseguiu, prendeu e matou protestantes. Entrou para a história com o epíteto de Maria, a sanguinária. Reinou por apenas 5 anos. Adoeceu e veio a falecer aos 42 anos de idade. Elizabete, assumiu o trono e reinou por 45 anos.

<sup>5</sup>HAYKIN, Michael. Kiffin, Knollys and Keach: rediscovery our English Baptist heritage. Leeds: Reformation Today Trust, 1996, p.18

<sup>6</sup>JONES, Martyn Lloyd. Os Puritanos e seus sucessores, p. 267

se esperava, o rei Tiago I não promoveu as reformas desejadas pelos puritanos e, sob o reinado de seu filho, Charles I, houve uma intensa resistência ao movimento Puritano. Com a influência puritana no Parlamento Inglês, o conflito aumentou e a “Revolução Puritana” eclodiu. As tensões entre o rei, o Parlamento e a sociedade civil, envolveram a Inglaterra em uma guerra civil durante a década de 1640. O conflito foi intenso, com muitas implicações no campo religioso, mas também nas esferas políticas e sociais. Com a vitória do Parlamento, o rei foi julgado e condenado à morte. A Inglaterra passou a ser governada por Oliver Cromwell, sob o “Protetorado de Cromwell”.

Com a restauração da monarquia e ascensão de Charles II ao trono, houve uma nova tentativa de uniformizar a Igreja na Inglaterra. O Ato de Uniformidade (1662) foi um golpe terrível para a causa protestante na Inglaterra. O decreto determinou uma forma mais católica de orações públicas, o sacerdócio, os sacramentos, e outros ritos na Igreja da Inglaterra. Centenas de pastores puritanos foram obrigados a abandonar suas ordenações originais e serem reordenados sob essa nova forma da igreja do estado. As igrejas protestantes que não aceitaram o ato de uniformidade, por isso chamadas não conformistas, foram consideradas “dissidentes” e ilegais.

Os conflitos continuaram, pois, muitos ingleses já estavam, de corpo e alma, alinhados com a tradição reformada. Mesmo sob perigo, muitos ministros protestantes continuaram na Inglaterra, atuando clandestinamente e aderindo ao movimento separatista que daria origens às igrejas independentes. Outros não conformistas deixaram a Inglaterra e buscaram refúgio em alguns países do continente, onde a Reforma estava consolidada. Nesse período começou uma escalada migratória para as treze colônias inglesas do outro lado do Atlântico. Essas colônias formariam os Estados Unidos da América. A jovem nação, independente da Inglaterra, seria um solo fértil para o florescimento de muitas igrejas e um celeiro missionário para o mundo.

## 2. O surgimento dos batistas

“Quem são os batistas?” Ou, mais apropriadamente, “o que são os batistas?” Qualquer uma dessas perguntas acende um intenso debate tanto entre batistas quanto entre não batistas. Alguns sustentam que os batistas seguem um padrão neotestamentário da vida da igreja e, assim, as igrejas “batistas” têm suas

origens na era apostólica (a teoria sucessionista). Contudo, outros argumentam que os batistas eram essencialmente um desdobramento do movimento separatista não-conformista da Inglaterra pós-Elizabeth, e que os batistas pertencem, portanto, à vertente congregacional do protestantismo. Uma terceira escola de pensamento modificou o argumento das origens inglesas e oferece evidências de que os primeiros batistas foram influenciados pelo movimento anabatista por meio do contato com menonitas holandeses no início do século XVII.<sup>7</sup>

A origem dos batistas não é consensual e tem sido objeto de debate entre os historiadores. “Os batistas existem como uma mistura complexa de muitos elementos, práticas e ideologias essenciais e opcionais.”<sup>8</sup> Há muitas controvérsias quanto às origens e até no que diz respeito ao nome batista.

A origem do nome é um dos pontos controversos dessa questão. Afirmar-se que antes de John Smith não existiam batistas ou essa denominação, portanto o nome batista constar em “anabatista” é tão somente coincidência. Muitos também afirmam não haver uma origem “orgânica” do termo, isto é, anabatistas não tem relação com a origem dos batistas porque os “batistas gerais” originaram-se com John Smith e Thomas Hewlys, enquanto os “batistas particulares” teriam se originado com Henry Jacob, não tendo, portanto, qualquer ligação orgânica (formação de igreja ou membros anabatistas) com os anabatistas<sup>9</sup>

Em linhas gerais, existem três teorias quanto à origem dos batistas. Apresentaremos um panorama das duas primeiras correntes, embora a primeira não tenha respaldo histórico nem apoio acadêmico e a segunda também seja contestável. Mais adiante, a terceira teoria será apresentada de um modo mais abrangente.

A teoria do sucessionismo, a despeito de ser historicamente infundada e inconsistente, é muito popular. Esta teoria tomou força a partir do movimento

---

<sup>7</sup>BRACKNEY, William H. Baptist life and thought, p. 15

<sup>8</sup>NETTLES, Thomas J. By His grace for His glory: a historical, theological, and practical study of the doctrines of grace in Baptist life. Cape Coral, FL: Founders Press, 2006, p.x

<sup>9</sup>SIQUEIRA, S. Silas Batista Lobato. Os batistas gerais, particulares e os anabatistas. Disponível em: <https://blogdoutrinabatista.weebly.com/blog/os-batistas-gerais-particulares-e-a-origem-anabatista>. Acesso em: 01jul.2020



conhecido como “landmarkismo”<sup>10</sup>. Esse movimento surgiu no Sul dos Estados Unidos, em meados do século XIX, e partir do pressuposto de que existiria uma continuidade visível na história dos batistas, desde João Batista. Os principais proponentes dessa “teoria” foram os batistas norte-americanos, G.H.Orchard, J.M. Cramp e J.M. Carroll. Este último popularizou a ideia através do livro *Rastro de Sangue*, popularizou essa ideia, ainda hoje muito forte no ideário popular batista. Curioso notar que, para sustentar essa tese, foi preciso relacionar os batistas a diversos grupos no decurso da história, inclusive com movimentos heréticos como os Montanistas do quarto século! A teoria do sucessionismo é uma lenda landmarkista a partir da qual acredita-se cegamente em uma suposta linha sucessória e ininterrupta desde o tempo de João Batista até os dias atuais.

A segunda teoria defende que os batistas teriam sua origem nos anabatistas, supostos “parentes espirituais” dos batistas. O movimento anabatista é complexo e multifacetado. A reforma radical<sup>11</sup>, postulada por grupos que pretendiam avançar mais na obra de reforma da Igreja, é um movimento que também teve grande impacto no século XVI e XVII. “Anabatista” era um termo pejorativo, aplicado

---

<sup>10</sup>Landmarkismo é um termo que começou a ser usado nos EUA em meados do século XIX. Cunhado por James M. Pendleton em seu texto *An Old Landmark Re-Set* e publicado no jornal *The Tennessee Baptist*. O Landmarkismo se tornou um forte movimento no Sul dos EUA e exerceu grande influência na igreja batista norte americana. Entre outras coisas, os landmarkistas defendiam a teoria de sucessão apostólica desde João Batista e negavam os vínculos com a Reforma Protestante.

<sup>11</sup>Convencionou-se falar Reforma Protestante, quando o correto seria dizer “reformas”. O protestantismo foi plural em suas origens, anseios, doutrinas, práticas e consequências. Via de regra, a reforma magistral, isto é, aquela que recebeu o apoio dos magistrados civis, é a mais conhecida. Martinho Lutero na Alemanha, Calvino e Zuínglio na Suíça, John Knox na Escócia, receberam apoio das autoridades na reforma das igrejas nestes respectivos países e são os principais nomes do protestantismo do século XVI. No entanto, existiram outros reformadores naquele período. Embora menos conhecidos, exerceram grande influencia sobre muitos grupos na Europa nos séculos XVI e XVII. Seus ensinamentos e práticas, em muitos aspectos, eram distintos dos reformadores magistrais. Félix Mantz, Conrad Grebel e Miguel Satler (Suíça); Baltazar Hubmeir, André Bodenstein e Thomas Muster (Alemanha); Menno Simons (Holanda) foram os principais nomes entre os reformadores radicais, grupo bem heterógeno, tanto nas doutrinas quanto nas práticas.

de forma ofensiva aos protestantes que acreditavam e defendiam que o batismo só deveria ser administrado as pessoas regeneradas. Os anabatistas rejeitavam o batismo infantil e pregavam a necessidade de um novo batismo, tendo em vista que o primeiro não tinha validade. O movimento anabatista, embora heterógeno, passou a ter um significado genérico para qualquer grupo que defendesse o novo batismo. O radicalismo anabatista era pendular, movendo-se do pacifismo de Menno Simons ao anarquismo de Thomas *Münster*. Houve muitas injustiças, associações caluniosas e preconceituosas que estigmatizaram os anabatistas, criando uma permanente suspeição sobre eles. À guisa de exemplo, circulou na Inglaterra um documento anônimo que alertava o povo inglês sobre o espírito revolucionário dos anabatistas: “Um aviso para a Inglaterra, especialmente para Londres, na famosa história dos Anabatistas, suas pregações e práticas selvagens na Alemanha”<sup>12</sup>. Havia, portanto, um grande temor de que os acontecimentos perturbadores que ainda estavam vívidos na memória dos alemães se se repetisse na Inglaterra.

Curioso notar, como veremos mais adiante, que os batistas particulares, ao escreverem sua primeira confissão de fé, expressaram não terem vínculos com os anabatistas. Alguns batistas particulares temiam serem vinculados ao movimento anabatista, via de regra, desprezados por seu espírito anárquico e sectário. O documento conhecido como Confissão de Londres de 1644 considera uma injustiça vincular os Batistas aos Anabatistas.

A Confissão de Fé de sete congregações ou igrejas de Cristo em Londres, que comumente, *mas injustamente, são chamadas de Anabatistas*; publicada para a reivindicação da verdade e da informação dos ignorantes; Da mesma forma, para a remoção dessas aspersões que são frequentemente, tanto no púlpito quanto na imprensa, lançadas injustamente sobre elas.<sup>13</sup>

Diferentemente da teoria sucessionista, a origem anabatista dos batistas é defendida por muita gente séria, inclusive no meio acadêmico.

---

<sup>12</sup>RENIHAN, James M. Confessing The Faith in 1644 and 1689. Disponível em: <http://reformedreader.org>. Acesso em: 02 jul.2020

<sup>13</sup>A Confissão de Fé de Londres de 1644. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao-londrina-1644.pdf>. Acesso em: 02 jul.2020

Aqui temos duas posições: uma de sucessão espiritual e outra de sucessão orgânica. Os defensores da teoria anabatistas são: Thomas Crosby, William R. Estep, Michael Yarnel III, L. Paige Patterson, David Benedict, Richard Cook, etc. Esta proposta teve origem no século XVIII, com Thomas Crosby (considerado o primeiro historiador batista) e parece ser o equilíbrio entre a primeira e a segunda<sup>14</sup>

Do ponto de vista documental, existe um marco histórico seguro a partir do qual se pode se identificar a origem dos batistas. “A documentação da tradição batista surge quando as primeiras congregações “batizadoras”, assim chamadas, começam a aparecer por volta de 1608”<sup>15</sup>. A terceira teoria, defendida neste artigo, sustenta que os batistas surgiram do movimento separatista inglês no contexto do século XVII. Nos EUA, desde o século passado, esta é a teoria mais aceita e defendida. Estudiosos da envergadura de Kennet Lautorreth, August Strong, H. Leon McBeth, Chris Traffandest, Henry C. Vedder, Robert G. Torbet, B.R. White, bem como os atuais historiadores Timothy George, Thomas Nettles e Michael Haykin estão entre os que advogam essa teoria.

### 3. Os batistas gerais e os batistas particulares

A origem dos batistas na Inglaterra está associada a dois grupos distintos, comumente chamados de batistas gerais e batistas particulares. Esses termos denotam a distinção quanto a perspectiva soteriológica, em especial quanto à extensão da expiação de Cristo. Os batistas gerais (arminianos)<sup>16</sup> defendiam a morte de Cristo como uma expiação ilimitada e indefinida, suficiente para salvação de todos, mas

---

<sup>14</sup>SIQUEIRA, S. Silas Batista Lobato. Os batistas gerais, particulares e os anabatistas. Disponível em: <https://blogdoutrinabatista.weebly.com/blog/os-batistas-gerais-particulares-e-a-origem-anabatista>. Acesso em: 01jul.2020

<sup>15</sup>BRACKNEY, William H. Baptist life and thought, p. 15

<sup>16</sup>O arminianismo está associado ao nome do teólogo holandês Jacobus Arminius (1560—1609), pastor da Igreja Reformada Holandesa que contestou alguns pontos da doutrina da salvação de acordo com o calvinismo. Seus discípulos foram refutados no Sínodo de Dort (1618-1619), convocado para lidar com a controvérsia doutrinária no contexto da Igreja Reformada Holandesa. O arminianismo continua sendo uma corrente teológica muito influente nas igrejas no mundo.

incerta quanto ao número de redimidos. Os batistas particulares (calvinistas<sup>17</sup>) pregavam que o sacrifício de Cristo havia sido definido, exclusivo e eficaz somente em favor dos eleitos de Deus.

## Os batistas gerais

Entre os batistas gerais, os dois nomes mais importantes são John Smith e Thomas Helwys. Desde o início do século XVII, ambos foram as duas personalidades que mais influenciaram os passos dos primeiros batistas no contexto do movimento separatista inglês. Refugiados na Holanda por conta da perseguição, Smith e Helwys receberam forte influência dos anabatistas holandeses da escola de Menno Simons.

John Smith (1570-1612) foi ordenado ministro da Igreja da Inglaterra em 1594. Fruto do seu tempo, Smith também foi influenciado pelo movimento puritano e rejeitou a liturgia da Igreja Anglicana. O Dr. Michael Haykin afirma que no outono de 1607, Smith assumiu sua posição Separatista e se uniu a uma congregação na “cidade de Gainnsborough, em Lincolnshire, na divisa de Nottinghamshire”.<sup>18</sup>

A ruptura definitiva de John Smith com o anglicanismo aconteceu em 1609. Em seu tratado *The Character of the Beast* (O Caráter da Besta), ele contesta a validade do batismo de infantes e reconhece apenas o batismo de pessoas capazes de fazer pública profissão de fé. Estas convicções o levaram a batizar a si mesmo e, em seguida, batizar aos membros de sua congregação. Tal atitude gerou um grande desconforto entre os separatistas ingleses, na sua maioria, à época, pedobatistas<sup>19</sup>.

Inconstante e inconsistente em sua teologia, Smith entendeu que, uma vez que seu batismo na Igreja da Inglaterra tinha sido falso, ele deveria ser novamente

---

<sup>17</sup>O calvinismo é um sistema doutrinal, vinculado ao teólogo francês João Calvino (1509-1564), que defende a soberania de Deus na salvação. Os herdeiros da fé reformada, inclusive os batistas particulares, creem que a salvação é fruto da graça, mediante a fé. Do início ao fim, salvação é um dom de Deus aos eleitos, amados desde a eternidade. “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef. 5.25).

<sup>18</sup>HAYKIN, Kiffin, Knollys and Keach, p.22

<sup>19</sup>O pedobatismo é a prática de aplicar o batismo às crianças. Em contraste com o batismo de adultos (credobatismo), prática restrita aos que podem fazer voluntária e pública profissão de fé em Jesus Cristo.



batizado. Ele o fez, batizando a si mesmo, tendo logo em seguida, batizado a todos os membros de sua igreja. Além das críticas separatistas, Smith e seu grupo foram curiosamente criticados por um grupo holandês chamado de Waterlanders, ligado aos menonitas.<sup>20</sup>

Os Waterlanders<sup>21</sup> criticaram a prática de Smith, o qual não apenas acatou a crítica como também se dispôs a compreender melhor a teologia deles. Smith e sua congregação mudaram-se para a Holanda. Nesse tempo, sob influencia dos Waterlanders, Smith tornou-se arminiano e rompeu com o calvinismo predominante entre os separatistas ingleses. Ele e mais quarenta e duas pessoas submeteram-se ao batismo administrado pelos Waterlanders. Smith foi um personagem controverso<sup>22</sup>.

No ano de 1609, Smith elaborou uma Breve Confissão de Fé com 20 artigos. Esse documento é fonte primária para conhecer seu pensamento e crenças. No artigo 14, ele nega a validade do batismo de infantes, rompendo com a visão dos Anglicanos e dos Separatistas “[Nós cremos com o coração e com a boca confessamos:] que o batismo é um sinal externo da remissão de pecados, de morte e ressurreição e, portanto, não pertence aos infantes”<sup>23</sup>. A posição defendida por Smith é a do credobatismo, que viria a ser adotada pelos batistas gerais e particulares. No entanto, outros posicionamentos teológicos de Smith foram os rejeitados pelos batistas. A

---

<sup>20</sup>PORTE, Wilson. Um pregador da graça - A fé reformada na vida de Benjamin Keach, p. 23

<sup>21</sup>Anabatistas holandeses vinculados aos menonitas, herdeiros do ex-padre e reformador Menno Simons.

<sup>22</sup>“John Smith ensinou que o verdadeiro culto vinha do coração e, portanto, qualquer forma de leitura no culto era mera invenção do homem pecador. Por exemplo: orar, cantar e pregar deveriam ser atos completamente espontâneos. Smith foi tão longe que passou a não permitir a leitura da Bíblia durante o culto, uma vez que considerava as traduções em inglês das Escrituras algo muito aquém da palavra direta de Deus” (Leandro B. Peixoto). Sobre John Smith é importante ressaltar que há vários fatos dos quais os historiadores discordam. Alguns dizem que ele foi batizado por um anabatista na Inglaterra, outros na Holanda, outros dizem que foi batizado por Thomas Hewlys, enquanto outros afirmam que ele se autobatizou, ou seja, há uma confusão sobre os fatos acerca da vida de John Smith que não pode ser simplesmente ignorada.

<sup>23</sup>**Short Confession of Faith in XX Articles by John Smyth. Disponível:** <http://www.reformedreader.org/ccf/scof.htm>. Acesso em: 03 jul. 2020.

clássica doutrina do pecado original foi negada em favor de uma posição pelagiana: “[Nós cremos com o coração e com a boca confessamos:] que não há pecado original (lit., nenhum pecado de origem ou descendência), mas todo pecado é real e voluntário, isto é, uma palavra, uma ação ou um plano contra a lei de Deus; e, portanto, infantes estão sem pecado”<sup>24</sup>. Como se não bastasse, Smith também negou as doutrinas da doutrina da eleição (art. 2) e da justificação somente pela fé (art. 10):

“[Nós cremos com o coração e com a boca confessamos:] que a justificação do homem perante o tribunal divino (que é o trono da justiça e da misericórdia) consiste, em parte, na imputação da justiça de Cristo apreendida pela fé, e em parte da justiça inerente, nos próprios santos, pela operação do Espírito Santo, que é chamada de regeneração ou santificação; uma vez que alguém é justo, ele pratica a justiça”.<sup>25</sup>

Thomas Helwys (1575-1616), um dos que acompanharam Smith à Holanda, tornou-se o principal líder dos Batistas Gerais. A despeito de abraçar a soteriologia arminiana herdada dos Waterlanders, Helwys era ortodoxo em suas convicções teológicas basilares. Em 1611, ainda na Holanda, ele publicou uma Confissão de Fé<sup>26</sup>. Helwys, desconfortável com os sinais de inconsistência teológica de Smith, liderou o regresso de alguns membros da congregação à Inglaterra (1612). De volta à terra natal, eles fundaram em Spitalfields, nos arredores de Londres, a primeira igreja Batista em solo inglês, uma pequena congregação com aproximadamente dez membros. A política de perseguição aos não conformistas estava em pleno vigor. Logo depois de seu retorno à Inglaterra, Thomas Helwys foi preso e veio a falecer entre os anos de 1615 e 1616. O Dr. Michael Haykin afirma que, nos anos seguintes, os Batistas Gerais experimentaram um relativo crescimento. Por volta de 1626, somavam aproximadamente 150 membros espalhados em pequenas congregações na Inglaterra. No entanto, foram quase extintos no final século XVIII. Duas razões principais são apontadas para explicar esse declínio: a estranha resistência em construir edifícios eclesiásticos e a política

---

<sup>24</sup>Ibid.

<sup>25</sup>Ibid.

<sup>26</sup>Helwys **Confession 1611**. Disponível: <http://www.reformedreader.org/ccf/helwysconfession.htm>. Acesso em: 01 jul. 2020

sectária de endogamia (casamento exclusivo entre membros da própria igreja). Portanto, embora os Batistas Gerais sejam mais antigos do que os Batistas Particulares, sua influência e seu legado foram menores. “Os Batistas Gerais sempre representaram uma parte pequena da vida Batista na Inglaterra, e uma parte ainda menor na América. Sua influencia sobre as principais correntes do movimento Batista nesses países parece ter sido mínima”.<sup>27</sup>

## Os batistas particulares

Até cerca de 1640 tínhamos aquele tipo de original de puritano que era essencialmente anglicano e que, naturalmente, não era separatista; depois tínhamos o tipo puritano presbiteriano, também não separatista; depois, exatamente no outro extremo, tínhamos os separatistas muito francos, claros e abertos. Mas então veio à existência esse novo grupo, parece-me, por volta de 1605, muito definidamente como resultado do entendimento deste homem, Henry Jacob.<sup>28</sup>

O doutor Martyn Lloyd Jones, respeitado estudioso do movimento puritano e seus sucessores, atribui a Henry Jacob (1563-1624) a organização da primeira Igreja Congregacional moderna. Jacob foi um clérigo inglês que buscou reformar a Igreja da Inglaterra. Decepcionado com os rumos do anglicanismo, aderiu ao separatismo e refugiou-se na Holanda (1593). Em 1616, de volta à Inglaterra, iniciou uma congregação que seria conhecida pelo nome de seus três primeiros pastores: Henry Jacob, John Lathrop, e Henry Jessey (JLJ). Esta igreja pode ter sido a semente da primeira igreja batista particular. Em 1637, Henry Jessey assumiu o pastorado desta igreja e foi muito habilidoso na condução da igreja que cresceu exponencialmente. Aquele era um tempo difícil. O século XVII foi marcado por muitas controvérsias e existiam vários grupos dissidentes que debatiam sobre o conceito bíblico de batismo e a natureza da igreja. Jessey e outros separatistas, como Thomas Goodwin e Philip Nye, defenderam que não deveriam ser excomungados nem admoestados aqueles que, por questão de consciência, fossem rebatizados. Jessey era um homem piedoso, sábio e moderado. Depois de examinar a questão, ele adotou o credobatismo, em 1638. Três anos depois, em

---

<sup>27</sup>MCBETH, H. Leon. *The Baptist Heritage*. B&H Publishing: Nashville, 1987, p. 68

<sup>28</sup>JONES, Lloyd Jones. *Os puritanos e seus sucessores*, pp. 162-163

1641, defendeu o batismo por imersão. Até então, o batismo era administrado por afusão ou aspersão em todas as igrejas batistas.

“Jessey se convenceu que devia tornar-se batista; não obstante, a princípio ele não foi batizado. Contudo, dentro de muito pouco tempo ele foi rebatizado, mas continuou sendo o pastor daquela igreja congregacional. Finalmente, alguns dos batistas mais zelosos foram-se e formaram uma igreja deles próprios – uma igreja batista independente, separada”.<sup>29</sup>

A igreja cresceu a ponto de o espaço físico ficar pequeno para atender os congregados. Por volta do ano de 1640, afirma o doutor Michael Haykin, a igreja se dividiu em duas a fim de poder continuar crescendo. Um grupo saiu em paz e fundou uma nova congregação, sob a liderança de Praise-God Barebone (1598-1676). De fato, “os Batistas Particulares surgiram no contexto de uma congregação separatista, depois conhecida pelo nome de três pastores: Jacob, Lathrop e Jessy. Tendo adotado o batismo dos crentes em 1638, eles afirmaram o batismo por imersão em 1641 e em 1644 produziram uma Confissão de Fé”.<sup>30</sup>

John Spilsbury se destaca como um nome de peso na tradição batista reformada. Muito provavelmente ele também foi membro da igreja JLJ e esteve sob o pastorado de Henry Jessey. Spilsbury organizou uma igreja em Londres, na região de Wapping, que seria a “primeira a abraçar definitivamente a causa Batista Calvinista”.<sup>31</sup> Sua igreja cresceu e, por volta de 1670, reunia aproximadamente trezentas pessoas nos cultos dominicais. John Spilsbury é considerado o primeiro pastor de uma igreja batista particular, claramente identificado. Ele exerceu grande influência sobre outros pastores e ajudou a fortalecer o movimento batista calvinista inglês. “Como expressão da teologia de Spilsbury e de outros pastores batistas particulares de Londres, a Primeira Confissão de Londres foi decidida e claramente calvinista”<sup>32</sup>, afirma Nettles.

---

<sup>29</sup>Ibid., p.398

<sup>30</sup>NETTLES, Thomas J. *By His grace for His glory: a historical, theological, and practical study of the doctrines of grace in Baptist life*. Cape Coral, FL: Founders Press, 2006, p. 4

<sup>31</sup>HAYKIN, Michael. Kiffin, Knollys and Keach: rediscovery our English Baptist heritage. Leeds: Reformation Today Trust, 1996, p. 29

<sup>32</sup>Thomas Nettles, op. cit., p. 5



Hanserd Knollys (1599-1691), William Kiffin (1616-1701), Benjamin Keach (1640-1704), Henry Jessey (1601-1663) e John Bunyan (1628-1688), entre outros, permanecem como representantes da convicção firme, da piedade fervorosa, da pregação poderosa e da ortodoxia teológica dos batistas particulares do século 17. Embora algumas diferenças quanto à ceia e à membresia eclesial tenham existido naqueles dias de egressão do separatismo, havia unidade na soteriologia.<sup>33</sup>

Os batistas particulares cresceram exponencialmente a partir da segunda metade do século XVII. Somavam-se sete igrejas em Londres e 47 espalhadas em toda Inglaterra. Os batistas seguiram crescendo e alguns nomes foram consolidados como os pioneiros do movimento batista calvinista na Inglaterra. O crescimento nesse período não foi maior por conta da intensa, cruel e injusta perseguição sofrida. A restauração da monarquia na Inglaterra, sob o reinado de Carlos II, implicou em um período de grandes provações para os batistas e outras igrejas independentes. Houve inúmeras prisões e mortes por questões de natureza política e religiosa. Muitos buscaram refúgio na Alemanha, Holanda, e em outros países da Europa, até mesmo na América (onde os batistas seriam a maior denominação evangélica). A promulgação do Ato de Tolerância (1689) foi decisiva para ajudar os batistas a continuarem crescendo na Inglaterra e se espalharem por outras partes do mundo.

#### 4. As confissões de fé dos batistas calvinistas

Os batistas estavam preocupados em demonstrar a todos que suas convicções doutrinárias eram, desde o início, ortodoxas e em grande parte idênticas às convicções dos puritanos ao redor deles. Para fazer isso, procuraram os melhores meios disponíveis para provar que o entendimento deles estava realmente de acordo com as convicções das outras igrejas ao seu redor. Eles fizeram isso emitindo uma confissão de fé. Esta Primeira Confissão de Londres de 1644, publicada antes da Confissão de Fé de Westminster, dependia fortemente de documentos mais antigos e conhecidos. O objetivo era provar que eles não tinham ideias novas e loucas, mas que compartilhavam as mesmas

---

<sup>33</sup>Ibid., p. xxv

perspectivas teológicas básicas das melhores igrejas e dos renomados ministros ao seu redor.<sup>34</sup>

Na metade do século XVII já havia mais de cinquenta igrejas batistas espalhadas na Inglaterra. Ainda não formavam uma associação oficial, mas havia comunhão entre elas. Na capital, sete igrejas se uniram a fim de publicar a primeira confissão de fé. Denominada de Confissão das Sete Igrejas de Londres, o documento foi publicado em 1644. Ortodoxa e calvinista, a Confissão de Fé de Londres reúne o corpo doutrinal central dos batistas. São 51 artigos contendo as principais proposições teológicas defendidas pelos batistas particulares. Curioso notar que esse histórico e precioso documento foi publicado três anos antes da Confissão de Fé de Westminster (1646). “Quando Stephen Marshall, membro da Assembleia de Westminster, atacou os batistas em 1645, John Tombes respondeu a ele apontando para essa Confissão como um meio de estabelecer a ortodoxia dos batistas particulares”.<sup>35</sup> O doutor Daniel Featley, membro da Assembleia de Westminster, deu um interessante testemunho sobre a Confissão de Fé Batista de 1644.

Se dermos crédito a esta Confissão e ao seu Prefácio, aqueles dentre nós conhecidos com o título [isto é, de anabatistas], não são nem heréticos, nem cismáticos, mas cristãos afetuosos: sobre quem, através de falsas sugestões, a mão da autoridade veio pesada, enquanto a Hierarquia permaneceu: pois eles nem ensinam o livre-arbítrio, nem decaem da graça com os arminianos, nem negam o pecado original com os pelagianos, nem rejeitam o magistrado com os jesuítas, nem mantêm diversas esposas com os poligamistas, nem uma comunidade de bens com os “apostólicos”, nem andam nus com os adamitas, muitos menos afirmam a mortalidade da alma com os epicureus e psychophannichist, e com este propósito publicaram esta Confissão de Fé, subscrita por dezesseis pessoas, em nome de sete Igrejas de Londres.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup>RENIHAN, James M. *Confessing The Faith in 1644 and 1689*. Disponível em: <http://www.reformedreader.org/ctf.htm>. Acesso em: 02 jul.2020.

<sup>35</sup>Ibid.

<sup>36</sup>RENIHAN, James M. *Confessing The Faith in 1644 and 1689*. Disponível em: <http://www.reformedreader.org/ctf.htm>. Acesso em: 02 jul.2020.

Graças a essa monumental confissão de fé, os batistas particulares passaram a ser identificados como um grupo distinto dos anabatistas e dos batistas gerais. A Primeira Confissão de Fé sofreu alguns ajustes e novas edições nos anos de 1646, 1651 e 1652. Leon McBeth, disse, acertadamente, que os Batistas “costumavam usar confissões não tanto para proclamar ‘distintivos batistas’, mas, em vez disso, para mostrar como os Batistas eram semelhantes aos outros cristãos ortodoxos”.<sup>37</sup>

A Primeira Confissão de Fé de Londres é um documento produzido como uma legítima expressão da teologia dos pastores batistas calvinistas e suas igrejas. À guisa de exemplo, seguem alguns artigos que indicam a teologia calvinista dos batistas ingleses.

XXII. A fé é o dom de Deus, produzida nos corações dos eleitos pelo Espírito de Deus; por meio de quem chegam a ver, conhecer e crer na verdade das Escrituras, e as excelências dela por cima de toda outra escritura e coisas do mundo, porque manifestam a glória de Deus em seus atributos, a excelência de Cristo em sua natureza e em seus ofícios, e o poder da plenitude do Espírito em suas obras e operações; e assim podem descansar suas almas sobre a verdade que têm crido.

XXIII. Os que têm a fé produzida neles, pelo Espírito, nunca podem totalmente cair; e ainda que muitas tormentas e inundações lhes fustiguem, não podem ser removidos daquele alicerce e rocha sobre o qual são estabelecidos; ou melhor, serão guardados pelo poder de Deus para a salvação; donde gozarão da posseção que para eles foi comprada, estando seus nomes gravados nas palmas das mãos do próprio Deus.

XXIV. Esta fé normalmente é engendrada pela pregação do Evangelho, a palavra de Cristo, sem considerar nenhum poder ou capacidade do ouvinte, o qual está totalmente passivo e morto em delitos e transgressões. Assim, ele crê e está convertido pelo mesmo poder que levantou a Cristo dentre os mortos.

XXIV. Esta fé normalmente é engendrada pela pregação do Evangelho, a palavra de Cristo, sem considerar nenhum poder ou capacidade do ouvinte, o qual

---

<sup>37</sup>MCBETH, H. Leon. *The Baptist Heritage*, p. 92

está totalmente passivo e morto em delitos e transgressões. Assim, ele crê e está convertido pelo mesmo poder que levantou a Cristo dentre os mortos.<sup>38</sup>

Os batistas produziram outra confissão de fé algumas décadas depois, a Segunda Confissão Batista de Londres, formulada por William Collins e Nehemiah Coxe. O documento foi redigido em 1677 e publicado por ocasião de um congresso de batistas que reuniu mais de cem igrejas entre os dias 3 a 11 de julho de 1689. A Confissão de Fé Batista de 1689, como ficou conhecida, passou a ser o principal documento doutrinal dos Batistas na Inglaterra e em outras partes do mundo. Os Batistas seguiram de perto a Confissão de Fé de Westminster (1646) e a Confissão de Savoy (1658), permanecendo em constante diálogo com as demais tradições reformadas e sendo por elas influenciados. Os Batistas queriam consolidar sua posição no espectro reformado inglês, de modo que as Confissões de Fé de 1644 e 1689 não nasceram em um vácuo nem foram fruto de percepções teológicas pessoais, mas foram o resultado de uma tradição confessional reformada que os Batistas adotaram e sobre a qual se firmaram teologicamente.

Em linhas gerais, os batistas calvinistas do século XVII e todos as gerações subsequentes que levaram adiante a herança que deles receberam, estavam em pleno acordo com as demais comunidades reformadas inglesas, excetuando os artigos sobre sacramentos e o governo da igreja. De fato, a marca distintiva e singular dos batistas é a sua eclesiologia.

O batismo é uma ordenança do Novo Testamento, instituída por Jesus Cristo, para ser, para a pessoa batizada, um sinal de sua comunhão com Cristo, na sua morte e ressurreição; de sua união com Ele; 1 da remissão dos pecados; 2 da consagração da pessoa a Deus, através de Jesus Cristo, para viver e andar em novidade de Vida.

Somente pode ser submetidas a esta ordenança as pessoas que de fato professam arrependimento para com Deus, fé e obediência ao Senhor Jesus.

O elemento externo a ser empregado nesta ordenança será a água, na qual a pessoa será batizada em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo

---

<sup>38</sup>Confissão de Fé Batista de 1689. Monergismo. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/confissao-londrina-1644.pdf>. Acessado em 02.07.20



Para a devida administração desta ordenança é necessária a imersão, ou seja, a submersão da pessoa na água.<sup>39</sup>

Uma comparação entre a Confissão de Fé Batista de 1689 e a Confissão de Fé de Westminster, evidenciará que os batistas comungavam e professavam a mesma fé, pois eram herdeiros da mesma tradição reformada. À exemplo, pode-se observar que no capítulo sobre os Decretos de Deus, doutrina central no sistema doutrinal reformado, as duas confissões de fé estão em total e plena harmonia.

Decreto de Deus. Capítulo 3, artigos 1-6 (Confissão Batista de 1689)

1. Pelo decreto, e para manifestação da glória de Deus, alguns homens e alguns anjos são predestinados (ou preordenados) para a vida eterna através de Jesus Cristo, para louvor da sua graça gloriosa. Os demais são deixados em seu pecado, agindo para sua própria e justa condenação; e isto para louvor da justiça gloriosa de Deus

2. Embora Deus saiba tudo quanto pode ou poderá acontecer, 5 em todas as condições possíveis, Ele nada decretou por causa do seu conhecimento prévio do futuro ou daquilo que viria a acontecer em determinada situação.

3. Pelo decreto, e para manifestação da glória de Deus, alguns homens e alguns anjos são predestinados (ou preordenados) para a vida eterna através de Jesus Cristo, para louvor da sua graça gloriosa. Os demais são deixados em seu pecado, agindo para sua própria e justa condenação; e isto para louvor da justiça gloriosa de Deus.

4. Os anjos e homens predestinados (ou preordenados) estão designados de forma particular e imutável, e o seu número é tão certo e definido que não pode ser aumentado ou diminuído.

5. Dentre a humanidade, aqueles que são predestinados para a vida, Deus os escolheu em Cristo para glória eterna; e isto de acordo com o seu propósito

---

<sup>39</sup>BATISMO (Capítulo 29, artigos 1-4). Confissão de Fé Batista de 1689. Monergismo. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm> Acessado em: 02 jul. 2020.

eterno e imutável, pelo conselho secreto e pelo beneplácito da sua vontade, antes da fundação do mundo, apenas por sua livre graça e amor, nada havendo em suas criaturas que servisse como causa ou condição para essa escolha.

6. Deus não apenas designou os eleitos para glória, de acordo com o propósito eterno e espontâneo da sua vontade, mas também preordenou todos os meios pelos quais o seu propósito será efetivado. Por isso os eleitos, achando-se caídos em Adão, são redimidos em Cristo e chamados eficazmente para a fé nEle, pela ação do Espírito Santo, e no seu devido tempo; e são justificados, adotados, santificados e guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para salvação. Ninguém mais é redimido por Cristo, chamado eficazmente, justificado, adotado, santificado e salvo, senão unicamente os eleitos.<sup>40</sup>

#### Decreto de Deus. Capítulo 3, artigos 1-6 (Confissão de Fé de Westminster)

I. Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas.

II. Ainda que Deus sabe tudo quanto pode ou há de acontecer em todas as circunstâncias imagináveis, ele não decreta coisa alguma por havê-la previsto como futura, ou como coisa que havia de acontecer em tais e tais condições.

III. Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna.

IV. Esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser nem aumentado nem diminuído.

---

<sup>40</sup>Confissão de Fé Batista de 1689. Monergismo. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm> Acessado em: 02 jul. 2020.

V. Segundo o seu eterno e imutável propósito e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade, Deus antes que fosse o mundo criado, escolheu em Cristo para a glória eterna os homens que são predestinados para a vida; para o louvor da sua gloriosa graça, ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra coisa na criatura que a isso o movesse, como condição ou causa.

VI. Assim como Deus destinou os eleitos para a glória, assim também, pelo eterno e mui livre propósito da sua vontade, preordenou todos os meios conducentes a esse fim; os que, portanto, são eleitos, achando-se caídos em Adão, são remidos por Cristo, são eficazmente chamados para a fé em Cristo pelo seu Espírito, que opera no tempo devido, são justificados, adotados, santificados e guardados pelo seu poder por meio da fé salvadora. Além dos eleitos não há nenhum outro que seja remido por Cristo, eficazmente chamado, justificado, adotado, santificado e salvo.<sup>41</sup>

## Considerações

Os batistas nasceram na Inglaterra, cresceram nos Estados Unidos da América e se espalharam pelo mundo. Algumas dezenas de pessoas se tornaram uma grande multidão. A despeito da denominação batista não ser uniforme em sua doutrina, sua origem tem estreita relação com a tradição reformada. No decurso de quatro séculos de história, os batistas têm a honra de ter no seu histórico uma plêiade de notáveis homens que serviram a igreja de Jesus Cristo, com excelência e exemplar integridade. Alguns nomes se destacaram, dentre os quais mencionamos os teólogos Benjamim Keach (1640-1704), John Gill (1697-1771), Andrew Fuller (1754-1815) John Dagg (1754-1884) e James P. Boyce (1827-1888), ingleses e americanos que produziram monumentais obras de teologia, comentários bíblicos e tratados eclesiológicos que continuam sendo publicados e lidos no mundo. Na contramão dos que pensam que o calvinismo arrefece a obra missionária, os batistas são conhecidos por seu zelo evangelístico. O evangelho foi levado aos quatro cantos do mundo, em grande parte, pela dedicação dos batistas. A

---

<sup>41</sup>Confissão de Fé de Westminster. Monergismo. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>. Acessado em: 02 jul. 2020.

primeira sociedade missionária batista foi fundada em 1792 por William Carey (missionário na Índia) e seus amigos, todos eles batistas calvinistas. Considerado o pai das missões modernas, o simples sapateiro inglês tornou-se uma referência global do trabalho de missões. Adoniram Judson na Birmânia, Lottie Moon na China, William Bagby no Brasil são alguns dos milhares de batistas calvinistas que deram a vida em favor da pregação do evangelho. Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), o príncipe dos pregadores, é a maior referência de um legítimo pastor batista calvinista. No século XIX, Spurgeon se destacou com uma das maiores personalidades do seu tempo. Fiel pregador do evangelho e arauto das doutrinas da graça, o pregador do Tabernáculo Metropolitano de Londres resumiu bem a doutrina que pregava e que tantas vidas abençoou.

As antigas verdades que Calvino pregou, e que Agostinho pregou, são as mesmas verdades que eu prego hoje em dia, pois, doutra maneira, eu estaria sendo falso com a minha consciência e o meu Deus. Não posso alterar a forma de uma verdade; para mim não existe expediente de aparar as arestas difíceis de uma doutrina. O evangelho de John Knox é o meu evangelho. E esse evangelho que trovejou em toda Escócia, deve trovejar também por toda Inglaterra.<sup>42</sup>

## Referências bibliográficas

- BEEKE, Joel; FERGUSON, Sinclair B. Harmonia das confissões reformadas. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- BEEKE, Joel; PEDERSON, Randall. Paixão pela pureza: conheça os puritanos. São Paulo: PES, 2020.
- BRACKNEY, William H. Baptist life and thought. Valley Forge, PA: Judson Press, 1998.
- COXE, Nehemiah; OWEN, John. Convent Theology: from Adam to Christ. Palmdale: RBAP, 2005
- COPELAND, David A. Benjamin Keach And The Development Of Baptist Traditions In Seventeenth-Century England. Studios in Religion and Society, volume 48. Lewinston, NY: The Edwin Mellen Press, 2001

---

<sup>42</sup>Charles H. Spurgeon, apud Robert B. Selph, in: Os batistas e a doutrina da eleição. Fiel: São José dos Campos, 2005. 58-59

- CROSBY, Thomas. The history of the English Baptists: from the reformation to the beginning of the reign of King George I. 4v V.4 London: Printed and sold by the author, 1738-1740
- ELWELL, Walter A. (Org.). Enciclopédia histórico-teológica da igreja crista. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- GEORGE, Timothy; DOCKERY, David (Org.) Baptist Theologians. Nashville: Broadman, 1990.
- GILL, John. Complete body of practical and doctrinal divinity: being a system of evangelical truths, deduced from the Sacred Escritures. Philadelphia: De-laplaine and Hellings, 1810.
- HAYKIN, Michael. Kiffin, Knollys and Keach: rediscovering our English Baptist heritage. Leeds: Reformation Today Trust, 1996.
- \_\_\_\_\_. One heart and one soul: John Stcliff of Olney, his friends and his times. Durham: Evangelical Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. (Org.). The British particular baptist 1638-1910. Springfield: Particular Baptist Press, 1998.
- JONES, D. Martyn Lloyd. Os puritanos, suas origens e seus sucessores. São Paulo: PES, 1993.
- NETTLES, Thomas J. By His grace for His glory: a historical, theological, and practical study of the doctrines of grace in Baptist life. Cape Coral, FL: Founders Press, 2006.
- PACKER, J.I. Entre os Gigantes de Deus. Uma visão puritana da vida cristã. Editora Fiel: São José do Campos-SP.
- PORTE, Wilson Jr. Um pregador da graça. A fé reformada na vida de Benjamin Keach. Produção Independente: Araraquara, 2015.
- RYKER, David Bowman. A catholic reformed theologian: federalism and baptism in the thought of Benjamin Keach, 1640-1704. Dissertação de Ph.D., Universidade de Aberdeen, Escócia, 2006.
- SELPH, Robert B. Os batistas e a doutrina da eleição. Editora Fiel: São José do Campos-SP, 2005





Judiclay S. Santos

### Sobre o autor

É ministro da Convenção Batista Brasileira, filiado à Ordem dos Pastores Batistas do Brasil. Graduado pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil-RJ, atualmente faz Mestrado em Divindade, com ênfase em teologia histórica pelo Centro de Estudos Andrew Jumper, da Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP. Leciona no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos-SP. Há nove anos atua como pastor titular da Igreja Batista Betel de Mesquita, no Rio de Janeiro. Autor de dois livros: Os Sete Pecados de Caim: os descaminhos do filho de Adão e Ecos da Graça: Mensagens que iluminam a mente e aquecem o coração. Ambos pela editora Pro Nobis. Casado com Claudia de O Ribeiro Santos e pai de Leonardo.

# Uma declaração de fé e vida

David F. Wright



Muitos leitores deste *Boletim* terão algum conhecimento dos debates acirrados dentro da Igreja Presbiteriana (EUA) [PCUSA] sobre questões de ética sexual. A polêmica continua, e a “*Declaração*” que é reproduzida abaixo é uma significativa contribuição que merece uma audiência muito além dos limites dessa Igreja. A declaração foi assinada em uma reunião em janeiro de 1994 por líderes de onze organizações evangélicas e renovadas da Igreja, incluindo, por exemplo, os Presbíteros Presbiterianos em Oração, a Comunhão de Pastores Evangélicos da PCUSA, o Comitê Presbiteriano de Leigos e o Centro Presbiteriano de Estudos de Missões.

A forma da “Declaração” é paralela à Declaração de Barmen de 1934 (que faz parte do *Livro de Confissões* da PC USA). Barmen foi a resposta da Igreja Confessante, proveniente das tradições Reformadas e Luterana, à síntese do nazismo e do cristianismo promovido pelos “Cristãos Alemães” que apoiaram Hitler. É amplamente considerada como uma das mais nobres declarações confessionais modernas. Seu texto pode ser encontrado em J. H. Leith, *Creeds of the Churches* (Richmond, VA, 1973), W. Niesel, *Reformed Symbolics* (Edimburgo, 1962) e A.C. Cochrane, *Reformed Confessions of the 16th Century* (Londres, 1966).

Os que assinaram essa “Declaração” não estão sozinhos em discernir paralelos com a perversão do cristianismo pelos cristãos alemães com a tendência generalizada de hoje em permitir que os valores seculares e pagãos contemporâneos influenciem a ética cristã. Contra essas tendências insidiosas, esta “Declaração” soa como um protesto essencial.

D.F.W.

## UMA DECLARAÇÃO DE FÉ E VIDA

### I

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. (2Timóteo 3: 16-17 NVI).

Afirmamos que as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento são nossa única autoridade de fé e prática. As Escrituras mediam para nós a Palavra viva, Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo, que sempre fala e trabalha em harmonia com a Palavra escrita. Transmitida a nós pela comunhão dos santos, resumida em nossas confissões de fé, estudada e aberta a nós por professores e pregadores na comunidade da Igreja, as Escrituras são sempre confiáveis, pois vivemos diariamente por suas verdades. Tudo o que é necessário para a fé e para a vida é declarado explicitamente na Escritura ou pode ser deduzido dela e afirmamos que ela fornece sua própria interpretação. Por ser ela a revelação de Deus não é limitada pela cultura ou pelo tempo. A Bíblia é, portanto, a autoridade a que somos chamados a obedecer em cada circunstância.

Portanto, rejeitamos essas falsas doutrinas:

- que o significado da Escritura é apenas uma questão de interpretação individual, separada de sua interpretação de suas próprias palavras, de seu contexto histórico, ou à parte da fé apostólica e das confissões da Igreja universal;
- devido à distância histórica, cultural e científica do nosso tempo, a Bíblia não é mais aplicável;
- que o Espírito Santo do Deus Trino fala de forma contrária a Jesus Cristo como ele é mediado a nós através da Palavra escrita na Bíblia;

- que a consciência humana, sentimento, sabedoria, pesquisa científica ou conhecimento médico, psicológico e sociológico são suficientes em si mesmos, à parte – ou mesmo contra – a Bíblia, para discernir a vontade de Deus.

## II

Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês. (1Coríntios 6.19-20 NVI).

Afirmamos que as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento ensinam que pertencemos – de corpo e alma, na vida e na morte – não a nós mesmos, mas a Deus. Deus é a Palavra eterna pela qual fomos criados. Jesus Cristo é o Verbo encarnado, por cujo sacrifício somos redimidos, e é a Palavra viva que manifesta a nova humanidade em sua própria vida e na nossa. Embora fosse celibatário, nada lhe faltava para a plena comunhão com Deus e com a humanidade. É pelo poder de seu Espírito Santo que somos capazes de segui-lo como discípulos obedientes, rejeitando as paixões de nossa natureza pecaminosa e escolhendo, em vez disso, viver uma vida santa em nossa conduta. O Trino Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – é soberano sobre todas as circunstâncias de nossas vidas, e somente em comunhão com este Deus podemos ser curados.

Portanto, rejeitamos as falsas doutrinas:

- que podemos reivindicar autonomia e domínio sobre nossos próprios corpos;
- que a relação sexual é necessária para a integridade pessoal ou plena comunhão entre as pessoas;
- que não é possível controlar e disciplinar a expressão de nossos desejos sexuais;
- que podemos ser discípulos fiéis de Jesus Cristo, independentemente do poder transformador de seu Espírito, que nos permite seguir seu padrão de obediência a Deus.

### III

[Jesus] respondeu: “Vocês não leram que, no princípio, o Criador os fez homem e mulher e disse: Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe”. (Mateus 19.4-6 NVI).

Afirmamos que as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento nos dizem claramente que Deus em seu amor por nós nos criou homem e mulher, e declarou sua criação “boa”. A Escritura nos diz que Deus pretendeu desde o início, como pretende hoje, apesar de nosso pecado e da queda de toda a criação, que nossos desejos sexuais fossem satisfeitos apenas no contexto do casamento de uma mulher e um homem, em uma fiel e alegre união de uma só carne. A Escritura nos diz que o casamento de marido e mulher tem o propósito de ajuda mútua, salvaguardando, sustentando e desenvolvendo seu caráter moral e espiritual, e para a propagação de filhos e a sua criação na disciplina e instrução no Senhor. Além disso, Deus condenou expressamente as relações sexuais fora do casamento. Essa proibição se aplica a pessoas casadas que cometem adultério, ao relacionamento sexual entre homens e mulheres solteiros e, porque a ordem de Deus pretende que o relacionamento sexual seja entre homem e mulher, à prática homossexual, uma perversão da ordem criada por Deus.

Portanto, rejeitamos as falsas doutrinas:

- que o corpo, os desejos sexuais do homem e da mulher um pelo outro e as instituições do casamento e da família são estranhos à ordem criada por Deus; que são questões indiferentes em nossa nova vida em Jesus Cristo; e que temos o direito de alterá-los ou redefini-los arbitrariamente de acordo com nossas circunstâncias sociais ou desejos pessoais;
- que as relações sexuais requerem apenas consentimento mútuo, sem levar em conta os laços bíblicos do casamento;
- que Deus deseja que as pessoas se envolvam em atos adúlteros ou relação sexual homossexual ou outra relação sexual não conjugal, e que Deus declara tal relação como um “bom presente”.
- que a compaixão e a justiça cristã exigem que a Igreja tolere relações sexuais adúlteras e homossexuais e outras relações sexuais não conjugais entre seus membros, e considere aqueles que se envolvem em tais práti-

cas como vivendo um modo de vida que demonstra o evangelho cristão e os prepara para a ordenação como presbíteros, diáconos ou ministros da Palavra e do sacramento.

## IV

Por isso, temos o propósito de lhe agradecer, quer estejamos no corpo, quer o deixemos. Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más. (2Coríntios 5.9-10 NVI).

Afirmamos que as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento testificam que todos nós somos feitos à imagem de Deus, responsáveis perante ele, que de Deus não se zomba, e ele nos responsabiliza por sua vontade revelada a nós em sua Palavra. A Bíblia nos avisa que Deus traz seu julgamento, tanto presente quanto futuro, sobre aqueles que o desafiam, mas as Escrituras também prometem que Deus perdoa e transforma todos os que se voltam para ele em arrependimento e confiança.

Portanto, rejeitamos as falsas doutrinas:

- que a atividade sexual persistente e impenitente que é proibida pelas Escrituras é aceitável a Deus e livre de seu julgamento presente e futuro;
- que algumas práticas, embora sejam contrárias às Escrituras, estão tão enraizadas na personalidade que suas expressões são inevitáveis e não podem ser alteradas pelo poder de Deus.

Convidamos todos aqueles que afirmam as verdades e rejeitam os erros apresentados nesta Declaração e que reconhecem esses ensinamentos claros e consistentes da Palavra de Deus, a relembrar esses ensinamentos enquanto proclamam o evangelho e vivem seus relacionamentos em comunidade. Que nosso propósito seja que o povo de Deus seja instruído, advertido e corrigido, para que cresça até a maturidade espiritual e que possa viver uma vida santa e irrepreensível diante de nosso Senhor em amor.

Graças a Deus nosso Pai, e ao Senhor Jesus Cristo, que se entregou por todos nós, para que por graça, por meio da obra do Espírito Santo, sejamos salvos pela fé.



Que o próprio Deus, o Deus da paz, o santifique totalmente. Que todo o seu espírito, alma e corpo sejam mantidos sem culpa na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Aquele que te chama é fiel e fará isso. (1 Tessalonicenses 5.24 NVI).

“A Declaration for Faith and Life”, *Scottish Bulletin of Evangelical Theology* 12.1 (Spring 1994): 3-7.

Tradução: Eloize Carrenho Santos



David Wright

#### Sobre o autor

(1937–2008), nascido na Inglaterra, lecionou por quase meio século Patrística e Reforma Protestante no New College da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Foi o editor do *The Scottish Bulletin of Evangelical Theology*, além de ser autor de vários livros, entre eles o *Novo Dicionário de Teologia* (publicado em português por editora Hagnos).

# *Imago Dei* em confinamento: uma questão além da ciência

Warton Hertz



*“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”* Gênesis 1.27

Quando Deus disse que não é bom que o homem esteja só, estava fazendo uma referência imediata à necessidade de criar para Adão uma companheira, uma mulher que lhe fosse idônea. Mas havia um propósito além. O amor, conhecido pelo ser humano em primeira mão no relacionamento com seu Criador, estaria agora para ser experimentado entre duas pessoas que, apesar de seus papéis biológicos distintos, foram criadas iguais em dignidade. A formação da mulher foi a pedra de toque da obra criadora, pois nesse ato o ser humano recebeu o lindo atributo que a Trindade goza eternamente entre si: tal qual o Deus Triúno, a espécie humana pôde também desfrutar do amor entre os seus semelhantes. A *imago Dei* estava finalmente completa. A partir da criação de Eva, o ser humano pôde se multiplicar e passou a ser um ser social, sem, contudo, ter perdido sua individualidade. Desse modo, o fato de o homem ter sido feito à imagem e semelhança de Deus deve estar sempre no centro de toda e qualquer ação que possa de alguma maneira lhe afetar.

O ano de 2020 está marcado pela disseminação do novo coronavírus. E com ele veio a necessidade de ações enérgicas por parte das autoridades públicas para a proteção da população. A doença, que teve início na China no final do ano anterior, chegou aos cinco continentes numa velocidade impressionante e assustadora. O surto que se tornou em epidemia na cidade chinesa de Wuhan tomou forma de pandemia ao se espalhar por diversos países do planeta. Muitas nações do norte do globo, que passavam por rigoroso inverno, pouco tempo tiveram para reagir, e as vítimas dentre os mais vulneráveis começaram a ser contadas, especialmente entre as pessoas em idade avançada ou com algum tipo de comorbidade (duas ou mais doenças simultâneas no mesmo paciente). Enquanto este artigo é finalizado, no mundo todo já são contados mais de 900.000 óbitos relacionados à doença, sendo os Estados Unidos o país mais atingido em números absolutos, com aproximadamente 190.000 mortes, e no Brasil o número já passa de 120.000.<sup>1</sup>

Esse quadro pandêmico acabou trazendo à evidência o trabalho científico de médicos, epidemiologistas e instituições de saúde que apresentaram importantes estudos nos seus respectivos campos de atuação. E isso é bom, pois à medida que os dados são oferecidos, autoridades políticas possuem elementos mais seguros e concretos para tomada de decisões em meio à crise pública. Por isso, não se pode negar que o conhecimento da ciência é deveras muito importante, vez que representa uma esfera de contribuição única para a sociedade. Contudo, aqueles que tomam as decisões jamais podem perder de vista que estão lidando com seres humanos, sobre os quais dados científicos isoladamente nunca oferecerão uma leitura integral. Há uma dimensão ética inerente à humanidade portadora da *Imago Dei* que não pode ser menosprezada. Pessoas não são robôs. Negar-lhes a totalidade de sua natureza pode produzir um efeito reverso ao desejado, e até mesmo piorar um cenário de tragédia.

É preciso deixar claro que a intenção deste texto não é propor políticas públicas para o controle da pandemia, muito menos de negar a seriedade da doença, que deixa um rastro de sofrimento e morte, motivo pelo qual devemos muito lamentar – “*chorar com os que choram*”. O objetivo do artigo é, diante da atual crise de saúde pública, sublinhar as implicações desta doutrina tão cara ao

---

<sup>1</sup>Mapa atualizado de contagem disponível neste [link: https://www.worldometers.info/coronavirus](https://www.worldometers.info/coronavirus). Acesso em 08 de setembro de 2020.

cristianismo que diferencia o ser humano dos animais: a imagem de Deus, o ensino bíblico de que homem e mulher foram criados à imagem e semelhança de seu Criador. Pela fé, cremos que as melhores soluções sempre estarão ancoradas naquilo que a Bíblia ensina acerca de nossa formação – sem correr o mínimo risco de conflito com a ciência. O conhecimento científico é capaz de lidar com o que pode ser observado e comunicado na revelação geral, a natureza. As Escrituras Sagradas, todavia, são a revelação especial de um Criador para suas criaturas, e não só complementam o que podemos aprender ao observar e interpretar a criação, mas expõem a realidade integral da existência e da vida. O equilíbrio entre individualidade e coletividade não pode ser explicado pelas ciências naturais, que pouco conseguem fazer, frente à profunda complexidade da alma humana.

Surto, epidemias e pandemias são expressões de doenças altamente contagiosas em nível local, regional e global. Ironicamente, são situações nas quais o aspecto comunitário que sustenta a vida humana acaba se tornando a sua maior ameaça. Contágios ocorrem porque o ser humano é essencialmente social, em constante contato com seu próximo. Por mais óbvia que seja essa afirmação, há certos “óbvios” que não podem ser negligenciados em meio a circunstâncias que necessitam de decisões complexas, sob pena de deixarmos de lado o mais fundamental de todos os fatores: a humanidade de quem está sendo atingido. As pessoas que os governos tentam confinar em suas casas durante o surto do vírus são seres fundamentalmente sociais. Obstar o funcionamento da vida em comunidade é tão drástico quanto tratar uma doença pela amputação do membro enfermo. Por isso essa equação não pode ser simplista. Viver em sociedade é algo intrínseco à condição do ser humano, e praticar esse tipo de mutilação pensando que será o remédio menos doloroso para se combater uma praga não passa de exercício meramente irracional resultante de um provável desespero típico de quem está lidando com o desconhecido. A prudência é uma das mais importantes virtudes, e o desconhecido deveria nos fazer pensar duas vezes antes de tomar medidas drásticas, não as adotar de forma precipitada.

De qualquer modo, os governantes, em sua maioria, seguiram as orientações de especialistas, e o confinamento foi posto em prática em grande parte dos países como uma solução urgente para contenção do vírus.<sup>2</sup> Em termos de ação

---

<sup>2</sup>A declaração do governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite em sua conta do Twitter é um claro exemplo da influência da ciência sobre a determinação de políticas

rápida, é natural pensar que o *lockdown* fosse a saída mais contundente e eficaz: os chamados serviços essenciais são mantidos e demais negócios são fechados, os transportes públicos circulam com limitações, aglomerações ficam restritas, e nem mesmo igrejas escapam, sendo impedidas de realizarem seus cultos públicos ou autorizadas com restrições.<sup>3</sup> Entretanto, o questionamento que paira e abre intenso debate é este: até onde pode e deve ir o isolamento imposto pelo Estado sem que os efeitos colaterais do remédio sejam piores do que a própria doença? Torna-se evidente a necessidade de um diálogo mais amplo com profissionais e autoridades das ciências sociais e humanas: economistas, juristas, psicólogos, teólogos e filósofos, entre outros. A pretensão de uma interação nesses termos pode soar ambiciosa, mas é preciso ser enfatizado que sozinhas as ciências duras não têm a capacidade de apontar a melhor solução. E isso pode ser percebido com as várias consequências desastrosas do confinamento que já vimos até aqui.

Entre as primeiras consequências imediatas do isolamento estão os efeitos emocionais e psicológicos. Um estudo realizado na última semana do mês de junho pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças do Departamento de Saúde do Estados Unidos constatou que 40% dos adultos norte-americanos relataram lutas com saúde mental ou uso de substâncias.<sup>4</sup> Ainda, 25,5% dos americanos entre 18 e 24 anos consideraram seriamente se suicidar nos últimos 30 dias; entre pessoas com idade entre 25 e 44, o percentual foi de 16%. No total dos que responderam à pesquisa, 11% considerou seriamente o suicídio. Para se ter uma

---

públicas: “*Com base em evidências científicas e na evolução do contágio por coronavírus, determinei agora à noite o fechamento do comércio em todo o território estadual até o dia 15 de abril*”. Disponível em: [https://twitter.com/EduardoLeite\\_/status/1245156030214033409](https://twitter.com/EduardoLeite_/status/1245156030214033409). Acesso em 01 de abril de 2020. Também digna de citação a manchete do portal de notícias Terra sobre a permanência do Ministro da Saúde no cargo: “*Mandetta diz que fica, mas sobe o tom e clama por “ciência”*”. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/mandetta-diz-que-fica-mas-sobe-o-tom-e-clama-por-ciencia,fcebb973f68c-b4c1a00eb68c595c323ezuitx4kf.html>. Acesso em: 06 de abril de 2020.

<sup>3</sup>O isolamento social em meio a epidemias já ocorreu em outros momentos da história, tendo sido, inclusive, defendida por pastores e teólogos reformados. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/teologos-reformados-historicos-sobre-a-igreja-em-quarentena-e-o-distanciamento-social>. Acesso em 01 de abril de 2020.

<sup>4</sup>Disponível em: [https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6932a1.htm?s\\_cid=mm6932a1\\_x](https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/wr/mm6932a1.htm?s_cid=mm6932a1_x). Acesso em 08 de setembro de 2020.

ideia da gravidade da situação gerada pelo isolamento imposto durante a pandemia, “*números anteriores, que consideravam um período significativamente maior (1 ano em vez de 30 dias), nunca haviam superado os 10% no caso de pessoas com idade entre 18 e 24 anos e ficavam sempre abaixo de 5% no caso daqueles na faixa etária dos 25 aos 44 anos de idade*”.<sup>5</sup>

Um segundo desdobramento inevitável foi a corrosão econômica. Apenas nos EUA, que passava pelo melhor momento de empregabilidade de sua história, os pedidos de seguro desemprego bateram um recorde histórico com as políticas de distanciamento social e *lockdown*.<sup>6</sup> No Brasil a economia voltou ao patamar de 11 anos atrás, como o PIB tendo desabado 9,7% no segundo trimestre de 2020 em comparação aos três meses anteriores, “*pior resultado da história devido à pandemia*”.<sup>7</sup> Com a pandemia, apenas menos da metade das pessoas com idade para trabalhar em nosso país estão empregadas diante do encerramento de 7,8 milhões de postos de trabalho.<sup>8</sup> Segundo dados do IBGE, metade da população acabou sendo beneficiada pelo auxílio emergencial, que alcançou, direta ou indiretamente, 107,11 milhões de pessoas de um total de 211 milhões de habitantes.<sup>9</sup> Resta evidente, não há como controlar os efeitos colaterais de um confinamento em massa.

Outro problema que se viu aumentar durante o isolamento foi a violência doméstica, na qual mulheres e crianças são as maiores vítimas ao ficarem mais tempo expostas aos seus agressores. As autoridades públicas estão atentas a isso. O Ministério Público de São Paulo reportou que até o início de abril os casos de violência contra mulher já haviam aumentado 30% desde o início da

---

<sup>5</sup>Disponível em: “<https://twitter.com/filgmartin/status/1294247142773620738?s=20>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

<sup>6</sup>Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/2020/04/02/job-less-march-coronavirus>. Acesso em: 06 de abril de 2020.

<sup>7</sup>Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/09/4872685-queda-de-9-7--e-a-pior-da-historia-do-pib.html>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

<sup>8</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/desemprego-chega-a-129-em-meio-a-pandemia-da-covid-19.shtml>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

<sup>9</sup>Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/08/20/aumenta-parcela-de-domicilios-brasileiros-que-recebem-auxilio-emergencial.ghtml> ou as ferramentas oferecidas na página. Acesso em: 08 de setembro de 2020.



quarentena.<sup>10</sup> E de acordo com dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, quando o isolamento social imposto já durava mais de um mês, a quantidade de denúncias de violência contra a mulher recebidas no canal 180 cresceu quase 40% em relação ao mesmo mês de 2019. Constatou-se também que no início do isolamento, de fevereiro para março, as prisões em flagrante envolvendo agressores de mulheres aumentaram 51,4%.<sup>11</sup> Em Bauru, interior de São Paulo, casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes aumentam 53%, conforme a Secretaria de Bem-Estar Social daquele município, sendo que 90% dos abusos acontecem dentro de casa. *“Acreditamos que o isolamento social tenha contribuído, porque as crianças ficam em casa, não vão para a escola. E a escola é um órgão importante para identificação destes casos”*, disse a diretora de departamento da Secretaria.<sup>12</sup>

Todavia, os algozes infantis que se aproveitam do confinamento não são apenas os de casa. O aumento dramático de abuso virtual de menores acompanhou o crescimento de 600% do consumo de pornografia durante a pandemia.<sup>13</sup> O volume de conteúdo pornográfico infantil que circula pela internet e a multiplicação das atividades dos pedófilos virtuais nesse período é uma preocupação de autoridades do mundo todo. *“Embora esse tipo de interação seja comum entre pedófilos, o que as autoridades espanholas puderam verificar é o notável aumento de suas atividades devido ao confinamento por conta da pandemia de coronavírus”*, aponta reportagem veiculada pelo portal Época Negócios.<sup>14</sup> Uma autoridade ligada a um grupo de proteção a menores da

---

<sup>10</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/13/casos-de-violencia-contramulher-aumentam-30percent-durante-a-quarentena-em-sp-diz-mp.ghtml>. Acesso em 04 de maio de 2020.

<sup>11</sup>Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/violencia-contramulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40/>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

<sup>12</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2020/05/23/casos-de-abuso-sexual-contracrianças-e-adolescentes-aumentam-53percent-na-quarentena-em-bauru.ghtml>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

<sup>13</sup>Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/08/acesso-a-sites-pornos-cresce-600percent-em-periodo-de-home-office-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

<sup>14</sup>Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2020/04/coronavirus-o-dramatico-aumento-da-atividade-dos-pedofilos-virtuais-com-o-isolamento.html>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.

Espanha afirmou que *“uma das questões mais recorrentes desde o início do confinamento na Espanha é como os pedófilos podem tirar proveito dessa situação”* De fato, os dados globais acerca de abuso infantil online são alarmantes no corrente ano. A mesma reportagem explica que os provedores de serviços eletrônicos dos EUA e as empresas de tecnologia (Facebook, Twitter, Google, etc) são obrigadas por lei a denunciar se detectarem em qualquer lugar do mundo conteúdo de abuso infantil. O Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Exploradas (NCMEC, em inglês) analisa, então, esses relatórios e os compartilha com as autoridades policiais dos países onde o abuso ocorreu. *“Em março deste ano, o NCMEC recebeu mais de 2 milhões de notificações deste tipo de material, mais que o dobro do número relatado no mesmo mês de 2019.”*

Os efeitos de um confinamento da população em grande escala são, assim, incomensuráveis. O resultado final de isolamento social nas proporções que vivemos em 2020 não é de fácil prognóstico. Não há ciência ou cálculo matemático que sejam capazes de o fazer. Com os fatos e dados acima citados, contudo, algumas consequências importantes já são conhecidas.

Ora, rebanhos de animais de campo podem ser confinados tendo seu instinto de sobrevivência satisfeito com ração em medida. Mas nós não somos gado, somos humanos, feitos à imagem e semelhança de Deus, seres sociais que tem em si o sopro do espírito da vida – que não é apenas biológica. A vida das pessoas vai além da mera sobrevivência. Pessoas trabalham, criam, produzem, brincam, riem e têm variadas necessidades que não são meramente físicas, mas são também psíquicas, sociais e espirituais. Não há como medir a integralidade humana em testes laboratoriais, e sua preservação não se dá por uma aplicação simplista de dados estatísticos científicos.

Talvez, justamente por terem uma visão ampla do ser humano e não se limitarem intelectualmente ao reducionismo científico, é que pastores e líderes cristãos têm sido atacados e rotulados nesses dias de “negacionistas”, “anti-ciência”, “ideólogos radicais”, e até “conspiracionistas”. Já há até mesmo quem tenha apontado o evangelicalismo como “bode expiatório” da pandemia, jogando sobre os crentes a culpa pela disseminação do Covid-19 por conta de uma suposta cultura de desconfiança em relação à ciência.<sup>15</sup> Essas acusações são, no mínimo, injustas,

---

<sup>15</sup>Tal qual o fez um articulista do jornal norte-americano New York Times. Disponível em: <https://www.washingtonexaminer.com/opinion/new-york-times-op-ed-blames-coronavirus-on-conservative-christians>. Acesso em 31 de março de 2020.

para não se dizer outra coisa, e, quando partem também de outros líderes cristãos, estes fazem um grande desfavor à própria igreja.

Mas não se deve lamentar. Esse é o preço que os verdadeiros cristãos comprometidos com uma cosmovisão bíblica pagam por não aceitar o racionalismo reducionista do naturalismo científico. A igreja por muitas vezes foi e ainda é perseguida e marginalizada por se opor a ideologias de governos autoritários, ensinando que existe limite de obediência a autoridades civis quando estas extrapolam a autonomia de sua esfera. Não deveria surpreender a hostilidade aos cristãos que têm se levantado para falar abertamente dos limites da ciência. Esta não tem o encargo de definir políticas sociais, senão de ser mais uma voz a auxiliar as autoridades públicas em sua árdua tarefa de tomar deliberações que afetam a vida das pessoas.

Em outras palavras, o princípio de que a igreja deve ser a consciência do Estado precisa ser estendido à ciência. Da mesma maneira que o cristão na política atua para colocar freios nos governos, o cristão na ciência deve redimi-la, resgatando-a do naturalismo filosófico, que a tomou de sequestro, que ignora a essência holística do ser humano físico e espiritual, que não alcança o entendimento de sua dimensão coletiva e individual, e, ainda assim, pretende reger a totalidade da existência humana. O crente em Jesus Cristo não se dobra à idolatria do Estado e tampouco irá aceitar que se faça o mesmo em relação à ciência.

A doutrina da soberania das esferas sociais apresenta a ideia de que elas devem ter sua autonomia respeitada, mas não podem atuar isoladamente e devem operar em colaboração umas com as outras. Nenhuma delas pode se tornar arbitrária e totalitária, pois cada uma representa um campo de conhecimento distinto e de atuação específica que refletem parcialmente os vários aspectos da vida humana em sociedade. No entanto, no momento em que se ergue a ciência a um pedestal intocável na tomada de decisões relacionadas à pandemia, perde-se de vista essa concepção. É preciso reconhecer isso, a fim de impedir que uma determinada esfera venha a coagir as demais.

Destarte, a dimensão ética das políticas públicas de saúde não pode ser ocultada ou ignorada, conforme é destacado no artigo *A More Political Science*, em que Peter Leithart escreve que: “*os experts da saúde pública somente ganharão confiança se reconhecerem a dimensão política e moral do que eles estão fazendo*”. O autor também afirma que:

As práticas e instintos do *establishment* da saúde pública geram desconfiança, mas essa desconfiança é piorada porque o moralismo paternalista é apresentado sob o disfarce de ciência neutra. Decisões *políticas* e *morais* devem ser feitas, mas elas não estão sendo apresentadas como decisões políticas e morais, mas como decisões da própria racionalidade.<sup>16</sup>

O século XX já mostrou o resultado trágico de entregar a sociedade ao controle de uma única esfera social, quando tornou o Estado em um ente totalitário (do qual, aliás, ainda precisamos constantemente nos defender). Pode ser que o século XXI esteja colocando diante desta geração o amargo desafio de ter de lutar contra a ideia daquilo que se poderia chamar de ciência totalitária, uma ciência que atrai para si o controle de toda a sociedade ao tentar se impor verticalmente, de cima para baixo, na qual os detentores do conhecimento científico decretam como devem viver os “leigos”, negando-lhes até mesmo seus direitos fundamentais em nome daquilo que dizem ser cientificamente necessário. Se outrora opor-se ao Estado significou posicionar-se contra o progresso, agora opor-se à ciência pode configurar crime contra a humanidade. O lema (consciente ou inconsciente) passa a ser este: se a ciência pôr, ninguém pode se opor. Resta a sensação de que questionar qualquer explicação cientificamente apresentada levará a pessoa a ser rotulada de irracional e inimiga da *polis*. O julgamento de Sócrates se repete cinicamente e ciclicamente na história. A considerada “melhor ciência” não tolera a liberdade de expressão, pois dela duvidar é prova de ignorância. “A *ciência virou uma arma política*”, e qualquer pessoa “*ganha uma alavanca poderosa quando consegue marcar oponentes da política X como inimigos da razão*”.<sup>17</sup> Talvez os especialistas, sacerdotes dessa nova religião disfarçada de agente neutro, são ainda desconhecedores da ameaça do poder que está em suas mãos, mas ela se torna mais real à medida que o discurso politicamente correto avança também sobre a ciência.

Em artigo publicado pela *Embo Reports* sobre o engajamento da *Max Planck Society* de vir a termos sobre o seu passado, intitulado *In the name of Science: The role of biologists in Nazi atrocities: lessons for today's scientists*, o autor faz a seguinte observação:

---

<sup>16</sup>Disponível em: [https://theopolisinstitute.com/leithart\\_post/political-science/?fbclid=IwAR3\\_ENkQA6JoFPSDSQ774WzJsRWmpEE92W9MBj9kmKG0L9ejgB-ft3LZOchM](https://theopolisinstitute.com/leithart_post/political-science/?fbclid=IwAR3_ENkQA6JoFPSDSQ774WzJsRWmpEE92W9MBj9kmKG0L9ejgB-ft3LZOchM). Acesso em 04 de maio de 2020. Tradução minha.

<sup>17</sup>Idem

Judeus, ciganos, homossexuais e pessoas com doenças hereditárias eram privados de seus direitos humanos, aglomeradas como gado em campos de concentração, usadas para experimentos científicos e assassinadas. E os cientistas que forneciam a base científica eram professores respeitados de universidades ou pesquisadores da *Kaiser Wilhelm Society* (KWS), antecessora da *Max Planck Society*. Muitos deles permaneceram em posições de renome mesmo após 1945, influentes o suficiente para atrasar uma confrontação histórica não tendenciosa<sup>18</sup>.

O século passado realmente representou uma era que deveria ter nos ensinado não somente acerca dos riscos de regimes totalitários, mas também que a ciência é amoral e pode se tornar serviçal de qualquer tipo de tirania. Mais perigoso do que o processo de deificação do conhecimento científico, ou mais ameaçador ainda do que governos ditatoriais, é o Estado unido à concepção de uma ciência inerrante. Não está a se afirmar que o confinamento para contenção do coronavírus ao redor do mundo se iguale às atrocidades da União Soviética de Josef Stálin, da Revolução chinesa de Mao Tsé-Tung, ou do nacional-socialismo de Adolf Hitler. Mas esse filme já foi visto antes, afinal, foi gente com PhD que inventou campos de extermínio. Não chegamos a tal ponto, é verdade, mas é demasiadamente preocupante ver um pequeno negociante preso por estar dentro de seu estabelecimento comercial, ou cultos religiosos online sendo encerrados, ou, então, mulheres e idosos sendo desrespeitados e levados por policiais pelo simples fato de estarem sentados em uma praça ou caminhando ao ar livre a fim de tomar um pouco de sol. Esse tipo de agressão à dignidade da pessoa humana e aos direitos fundamentais deveria, ao menos, nos fazer levantar uma sobrancelha, ainda mais quando são o resultado prático de decretos que refletem a preocupação das autoridades públicas em satisfazer as orientações de cientistas e especialistas da área de saúde.

A verdade é que a ciência não pode gozar do *status* de infalibilidade e de obediência incondicional. Como percebido acima, ela pode estar sujeita a interpretações eivadas de pressupostos subjetivos ou ideológicos, posto que cientista nenhum está livre das influências de sua própria visão de mundo, ou, então, o que é mais grave, como a história já provou, poderá estar fortemente comprometida

---

<sup>18</sup>In the name of Science: The role of biologists in Nazi atrocities: lessons for today's scientists. *EMBO Rep.* 2001 Oct 15; 2(10): 871–875. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1084095>. Acesso em: 06 de abril de 2020. Tradução minha.

pela imposição de interesses políticos escusos e desumanos. Ressalte-se, ainda, por uma ótica mais otimista, que cientistas também erram com a intenção de acertar, ou, simplesmente aprimoram suas descobertas e mudam de parecer. Isso não é novidade. Qualquer pessoa adulta já viu a ciência mudar em torno de vários temas, bem como já ouviu da falta de concordância entre cientistas acerca de determinados temas ou pesquisas. Aliás, quem invoca suposto consenso científico para justificar decisões políticas é desconhecedor do que está falando ou meramente mal intencionado.

Foi dito com frequência durante esta pandemia que os países deveriam subcrever às recomendações de *lockdown*. Entretanto, os próprios epidemiologistas divergiam entre si sobre a eficácia de tais medidas drásticas.<sup>19</sup> A própria OMS chegou a se manifestar no sentido de que a Suécia, que evitou o *lockdown*, deveria servir de modelo.<sup>20</sup> Tudo isso demonstra que a ciência, seja através de especialistas ou de instituições que a representam, jamais deveria ser usada como parâmetro único em deliberações que concernem a vida das pessoas. A ciência é dinâmica, além de ser falha e limitada, haja vista ser exercida, administrada e interpretada por homens e mulheres que são falhos e limitados.<sup>21</sup>

Concluindo. Isso tudo nos remete ao título deste artigo: *imago Dei* em isolamento é um problema que ultrapassa o que se convencionou chamar de

---

<sup>19</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/epidemiologistas-divergem-sobre-eficacia-de-medidas-drasticas-contr-o-virus.shtml>. Acesso em 08 de setembro de 2020.

<sup>20</sup>Disponível em: <https://www.foxnews.com/world/who-sweden-which-avoided-mass-coronavirus-lockdowns-should-be-model-for-the-world>. Acesso em 04 de maio de 2020. Vale destacar a seguinte linha da reportagem: “*O que foi feito diferentemente é que se confiou muito na sua relação com a cidadania e habilidade e disponibilidade dos cidadãos de implementar distanciamento físico e de se autorregular*” (tradução minha). Em outras palavras, na prática, o governo sueco entendeu que seus cidadãos querem o melhor para si e para o próximo, e confiou na individualidade para o bem da coletividade.

<sup>21</sup>Vale a leitura do artigo “What a massive database of retracted papers reveals about science publishing’s ‘death penalty’”, publicado pela American Association for the Advancement of Science, que apresenta dados acerca de retratações em artigos científicos. Disponível em: <https://www.sciencemag.org/news/2018/10/what-massive-database-retracted-papers-reveals-about-science-publishing-s-death-penalty>. Acesso em 19 de setembro de 2020.



ciência. A dignidade do homem e da mulher é refletida na imagem de um Deus que se expressa no respeito da individualidade e no desempenho do convívio social. Com esse propósito o Criador declarou que não é bom que esteja só o homem. Logo, não há método científico capaz de prever e controlar as consequências de se amputar essa singularidade humana. Não se está aqui rejeitando o pensamento científico, pois isso seria o mesmo que desprezar um dom dado por Deus que nos ajuda a compreender, governar e utilizar bem da sua criação - e até mesmo auxilia a resolver da melhor maneira possível problemas da vida em sociedade, como este que agora enfrentamos. Afinal, o ser humano foi feito com inteligência, sendo-lhe atribuído um mandato cultural que implica em conhecer a ordem criada. Contudo, fazer da ciência a solução última para algum bem da humanidade é reducionismo, é diminuir o ser humano a um objeto de pesquisa, é enxergar a raça humana como um rebanho de animais a ser gerenciado por dados metodológicos ou por interesses de quem controla a porteira do estudo empírico.

A desconfiança ao conhecimento científico não é, portanto, fruto de ignorância; muito pelo contrário, é um exercício de pensar a sociedade a partir da integralidade do ser humano. Os cientistas também são pessoas afetadas pela queda, e, por isso, erram, ou involuntariamente, ou a partir de pressupostos equivocados de suas cosmovisões, ou intencionalmente, por interesses diversos, subordinação, ou determinações alheias. Ainda, a ciência possui limites próprios intrínsecos à sua área de atuação. Desse modo, aos teólogos e à igreja como instituição deve ser oportunizado o papel de contribuir com o debate público, trazendo o aspecto transcendental da vida em sociedade e cooperando com as demais esferas sociais que têm o seu foco no imanente, tal qual a própria ciência e a comunidade científica.

Por todo o exposto, pode-se afirmar seguramente que as implicações de confinar portadores da *imago Dei* em isolamento, mesmo a fim de tentar solucionar uma crise humanitária de saúde, é uma questão que está além da ciência, uma equação na qual ela é parte da soma, mas não pode e nem deveria tentar resolver sozinha.



Warton Hertz

### Sobre o autor

Formado em Teologia pelo Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos/SP. Mestre em Teologia e Ética pela Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS. Bacharel em Direito pela UniRitter, em Canoas/RS. Membro fundador do Instituto Brasileiro de Direito e Religião. Hoje é Pastoral Resident em Chicago na Addison Street Community Church em conjunto com Neopolis Network e Holy Trinity Church.

# A extinção da religião no comunismo

*Willy Robert Henriques*



“Vladimir Lenin discursando para soldados na Praça Vermelha de Moscou. Foto: Tass/PA Images”.

“Para os marxistas, cultura é a superestrutura erguida sobre as bases da economia, refletindo os interesses e valores das classes dominantes. A religião não passa de uma crença primitiva, relíquia de um tempo em que os homens ainda se esforçavam por entender o mundo ao redor; é um instrumento utilizado pela classe dominante em termos econômicos para manter os trabalhadores subjugados. Por isso, o triunfo do socialismo trará uma nova cultura, expressão dos interesses e valores do proletariado em ascensão. A religião desaparecerá” (Pipes, 2018, p. 331).

Dessa forma bem direta, o historiador Richard Pipes comenta em seu livro *História concisa da revolução russa* a relação entre cultura, religião e o comunismo bolchevique. Como o título do livro diz, Pipes apresenta um panorama histórico da revolução de 1917 bem como os desdobramentos diretos que se deram entre as diversas alas da sociedade russa pós revolução.

Pipes começa falando sobre como o governo comunista lidou com a arte. Segundo ele, os bolcheviques entendiam que as obras culturais desenvolvidas no período “burguês” eram irrelevantes e deveriam ser destruídas, fazendo então com que novas obras fossem produzidas dentro do contexto do proletariado. E as novas

obras deveriam ser produzidas pelos proletários, não pelos burgueses. Embora Lênin não concordasse totalmente com essa ideia, ele foi, no mínimo, tolerante. Com isso, muitos esforços foram gastos na tentativa de se criar novos “artistas”. Por um lado, isso fez com que fossem criadas escolas onde as pessoas mais pobres aprendiam sobre poesia, pintura e artes no geral. Por outro, o talento foi deixado de lado em detrimento da classe social, e muito do que historicamente foi produzido foi abandonado. Com isso, surgiu uma geração que muito pouco produziu de bom no que diz respeito a cultura.



## A perseguição à fé na União Soviética

No campo da religião a situação foi pior. Enquanto no que diz respeito à arte houve uma mudança significativa, no que diz respeito a religião a intenção era a extinção, não somente a mudança – embora nem todas as religiões fossem perseguidas, o Islamismo foi tolerado.

Os ataques, inicialmente, foram direcionados à Igreja Ortodoxa. O clero foi privado de seus rendimentos, as igrejas foram espoliadas e seus prédios acabaram se tornando prédios públicos. Junto a isso, a educação religiosa foi banida, e os feriados religiosos foram convertidos em dias de festas comunistas. Mas a Igreja ainda não estava morta. Em 1917 houve um concílio onde a ala conservadora da igreja venceu e o patriarcado, que havia sido abolido em 1721 por Pedro o Grande, foi restabelecido, tendo como patriarca Vasily Ivanovich Ballavin, mais conhecido como Tíkhon de Moscou. Tíkhon defendia uma separação entre a Igreja e o Estado. Segundo ele, o clero deveria se dedicar ao “socorro espiritual numa época de grandes privações” (Pipes, 2018. p. 351).

Com isso, os bolcheviques criaram um decreto intitulado “Sobre a Separação da Igreja e do Estado”, onde atacavam diretamente as economias da igreja. O decreto obrigava o confisco de bens e de todos os fundos pertencentes as igrejas, bem como as construções e os objetos usados nos rituais litúrgicos. Ao mesmo tempo, proibiam a cobrança de qualquer taxa pela igreja, bem como a arrecadação

de ofertas pelos fiéis. Criaram também um isolamento entre paróquias desestruturando totalmente a igreja.

Como diz Pipes, “qualquer cooperação ou simples consulta entre clérigos de diferentes paróquias seria considerada um indício de atividades contrarrevolucionárias” (Pipes, 2018, p. 352).

No ano de 1918, membros das forças armadas comunistas saquearam igrejas e mosteiros, atacaram procissões, além de assassinar bispos e padres. Tíkhon, como líder da igreja, condenou publicamente esses ataques. Como resultado, ele acabou sendo condenado à prisão domiciliar. Isso intensificou ainda mais a guerra entre o governo comunista e a Igreja Ortodoxa. Nos anos 1921 e 1922, mesmo com essa maciça perseguição, a Igreja ainda conseguia se manter fora do controle do Partido Comunista.

Lênin, no entanto, não via isso com bons olhos. Explorando as divergências internas da igreja, ele provocou vários conflitos. Com isso, diversos líderes da ala conservadora da igreja foram presos sob a alegação de indiferença da igreja em relação as dificuldades enfrentadas pela população, sobretudo a fome constante e crescente. Sob instrução de Trótski, a igreja foi obrigada a entregar seus objetos de valor, sob alegação de que seriam vendidos e que os recursos seriam usados na ajuda à população faminta. Com isso, todos os objetos de prata, ouro e pedras preciosas foram retirados das igrejas.

Tíkhon, obviamente, se opôs a esses atos e ameaçou excomungar todos os envolvidos. Com isso, foi novamente colocado em prisão domiciliar. Pipes afirma que em alguns lugares, os próprios fiéis resistiram a essa desapropriação, havendo casos onde os crentes enfrentavam de peito aberto soldados armados com metralhadoras.

Sem fazer caso das ameaças de Tíkhon e da vontade do povo, Lênin ordenou que a desapropriação prosseguisse sem esmorecimento. Em nota enviada ao Politburo, em 19 de março de 1922, ele ordenou “numerosas execuções” para aqueles que se opusessem a tomada de valores da igreja, e afirmou que “quanto mais representantes da burguesia conseguirem executar, melhor”.

Estima-se que de abril a junho, cerca de 28 bispos e 1.215 padres foram mortos. Durante todo o ano de 1918, aproximadamente oito mil pessoas foram executadas nessa estratégia de desapropriação dos bens da igreja.

Segundo Pipes, em termos de valores, essa campanha arrecadou em torno de quatro a oito milhões de dólares, o que num território do tamanho da Rússia seria

muito pouco, percentualmente falando. Isso acabou por provar que as paróquias não tinham tanta riqueza como se pensava. Parte irrisória desse valor foi usado para aliviar a fome do povo – vale lembrar que na fome de 1922 a Rússia recebia ajuda dos Estados Unidos e da Europa.

A estratégia de extinção da religião continuava a todo vapor. A Komsomol, organização juvenil do partido comunista, se embrenhou numa campanha de desmoralização dos feriados religiosos. Eles criaram seu próprio Natal, onde bandos de jovens desfilavam vestidos de padres, carregando imagens, gritando blasfêmias e fazendo chacotas das cerimônias que ocorriam nas igrejas. Eles tinham até uma música própria, que dizia: “Não precisamos de rabinos, nem de padres! Vamos espancar os burgueses e estrangular os *Kulaks!*”.

Em março de 1922 foi criada a “Igreja Viva”, era uma espécie de igreja estatal administrada pela GPU (a polícia secreta russa, precursora da temida KGB), e que mantinha a seu serviço alguns padres renegados. Tíkhon, ainda preso, concordou em se retirar e foi substituído por uma nova administração comandada pelo governo. Uma grande campanha pública foi criada pedindo o fim do patriarcado. Isso acabou por levar vários bispos a se unirem a “Igreja Viva”. Os que se opuseram foram presos e outros que eram adeptos da nova igreja ocuparam seus lugares.

Em 1923, totalmente alinhada com o Partido Comunista, a “Igreja Viva” em seu II Conselho declarou a revolução de 1917 como um “ato cristão”, negou que houvera perseguição comunista aos cristãos e declarou Lênin como “líder mundial” e “tribuno da justiça social”. Ainda segundo Pipes, na ocasião, o governo soviético foi declarado como o único no mundo a se empenhar na realização do “Reino de Deus”.

Rendido a tudo isso, Tíkhon escreveu uma carta às autoridades negando o seu passado anticomunista. Como recompensa, as igrejas patriarcais foram autorizadas a reabrir suas portas. Em abril de 1925 Tíkhon faleceu. Como havia cumprido o seu papel, a “Igreja Viva” foi perdendo o apoio do Kremlin e desapareceu. Pipes afirma que a maioria dos seus líderes foram presos no início dos anos 1930.

Além da Igreja Ortodoxa, judeus e católicos também foram perseguidos, presos e mortos nesta tentativa de extinção da religião. Houve um programa sistematizado de lançar cristãos contra judeus e vice-versa. Jovens judeus eram arregimentados, de propósito, em campanhas antirreligiosas, passando com isso a ideia de que os



judeus é que eram os inimigos, reforçando ainda mais o antissemitismo. Richard Pipes afirma:

Depois das privações econômicas, nenhuma ação do governo de Lênin infligiu maior sofrimento à população como um todo do que a profanação de suas convicções religiosas, o fechamento das igrejas e os maus-tratos infligidos ao clero (Pipes, 2018, p. 350).

O único ramo religioso que não sofreu perseguição foi o islamismo. Como Lênin ambicionava os muçulmanos do Oriente Médio, pelo menos até o fim da década os muçulmanos mantiveram seus direitos, seu ensino religioso e suas propriedades religiosas.

## Notando as similaridades

Similaridades entre o *modus operandi* dos comunistas bolcheviques do século XX e o *modus operandi* da esquerda socialista do século XXI são claramente perceptíveis. Há um movimento crescente da esquerda de extinguir a religião, sobretudo a que traz consigo os valores conservadores judaico-cristãos. Assim, toda a arte produzida no passado que remete a tais valores é desprezada e há a tentativa de reconstruir e repaginar todo o passado, inclusive, por meio de tentativas de se reescrever a história, tornando heróis em vilões e vilões em heróis.

Constantemente ramos do Estado tentam interferir em questões religiosas que não lhe dizem respeito. Caso tivéssemos um governo socialista no poder, é inegável que a situação estaria muito pior. Basta ver como alguns governadores e prefeitos no Brasil se portaram no tratamento da pandemia da Covid-19, agindo de forma totalmente arbitrária, fechando igrejas, interrompendo transmissões de cultos via internet, ameaçando à prisão padres e pastores - e sob a alegação de estarem protegendo o povo.

Junto a isso, é crescente em nosso país o vilipêndio de símbolos religiosos caros aos cristãos. Em algumas manifestações esquerdistas imagens religiosas são introduzidas nas partes íntimas dos manifestantes em forma de protesto. Figuras monstruosas são colocadas nas representações do Cristo crucificado.

Além disso, existe um grande número de líderes religiosos cooptados pela esquerda que renegam princípios básicos do cristianismo para defenderem uma

agenda ideologizada e anticristã. Para tais líderes, o evangelho foi reduzido a uma luta de classes e a uma busca frenética por igualdade, estagnando-se somente nisso. O pecado não pode mais ser considerado pecado sob a alegação de que se trata de questões culturais, e apontá-lo pode vir a ofender determinados grupos. A Bíblia foi deixada em segundo plano e a “cultura ideologizada” unida à vontade individual é o que prevalece. Para tais, a Bíblia foi reescrita e reduzida a poucos versículos: “amai ao próximo como a si mesmo” e “não julgueis para não serdes julgados”. Ainda assim, mesmo reduzindo a Bíblia a pouquíssimos versículos, esta continua a ser muito mal interpretada.

Infelizmente, muitos crentes desatentos seguem essa onda. Basta uma olhada nas redes sociais, ou uma simples conversa com alguns, e percebe-se o quanto as pessoas estão afetadas por essas ideias. A tentativa esquerdista de extinção do cristianismo tem sido, em alguns casos, defendida até mesmo por “cristãos”.

Enganados por um discurso de igualdade social e defesa de políticas identitárias, muitos estão buscando a solução dos problemas sociais fora do cristianismo bíblico e abraçam o socialismo fazendo deste o seu redentor. Tais pessoas não percebem que o cristianismo bíblico é a única solução para os problemas que nosso mundo enfrenta e que sempre enfrentou.

Óbvio que não estou defendendo que lutar contra desigualdades seja anti-bíblico, mas, lutar contra as desigualdades deixando o Cristo como revelado na Bíblia de lado é totalmente errado. E é exatamente essa rejeição do Cristo Salvador que a utopia esquerdista tem afirmado. A prova disso é que geralmente há a necessidade de uma reconstrução do Cristo, precisando adaptá-lo ao formato e a agenda de determinados grupos. Infelizmente, “cristãos” que defendem esse tipo de coisa se esquecem que a Palavra pura e genuína de Cristo é o único remédio. E a Palavra pura e inspirada que traz a solução para todos os problemas da humanidade. Cristo é a solução: mas o Cristo bíblico, não o “Cristo” repaginado e reconfigurado de acordo com a ideologia. No entanto, tais pessoas não enxergam dessa forma. Para eles, a redenção se encontra na política, na educação, na ideologia, menos por meio de Cristo como revelado na Bíblia. Isso não é novo, fomos avisados.

O apóstolo Paulo escrevendo para Timóteo diz o seguinte: *“O Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns se desviarão da fé e darão ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, sob a influência da hipocrisia de homens mentirosos, que têm a consciência insensível.”* (1Tm 4.1,2 A21). Ainda que em

seu contexto direto o apóstolo Paulo fazia menção a situação diferente, é inegável que vivemos dias onde muitos se desviam da fé bíblica por darem ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios.

O Senhor Jesus também alertou sobre falsos profetas, falsos mestres que desvirtuam o evangelho: *“Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em pele de ovelha, mas interiormente são lobos devoradores”* (Mt 7.15).

Pedro também fez um alerta grave contra esse tipo de coisa: *“Mas entre o povo também houve falsos profetas, assim como entre vós haverá falsos mestres. Às ocultas, introduzirão heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou e trazendo sobre si mesmos repentina destruição”* (2Pe 2.1). Trocar o Cristo revelado na Bíblia por qualquer outro tipo de “Cristo” é claramente negar o Senhor – e abraçar o Anticristo.

Em outro texto o apóstolo Paulo também diz: *“Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema”* (Gl 1.8). Paulo é enfático ao dizer que qualquer “outro” evangelho não é o evangelho, e deve ser tido por maldito. Esse evangelho socialista, que distorce o verdadeiro evangelho e tenta reconstruir o Cristo é anátema, e não deve ser tolerado. Suas possíveis “boas intenções” estão carregadas de um espírito demoníaco que em outros tempos matou 100 milhões de pessoas. Sob a alegação de igualdade social, deixou um rastro de miséria e morte.

Por outro lado, ainda que fiquemos alarmados e devamos orientar os membros da comunidade cristã, estamos seguros: as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja de Cristo. O joio ao seu tempo será lançado no fogo e será consumido. Os inimigos declarados de nosso Senhor serão derrotados, os falsos profetas serão desmascarados. E aqueles que resistirem à perseguição e forem fiéis até a morte olharão para o seu Senhor, e estarão com ele para sempre. *“E Deus mesmo estará com eles. Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima: e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram.”* (Ap 21.3-4).

Que Deus guarde seu povo de todo engano, e que o *único Jesus, o eterno Filho de Deus, o descendente de Davi, o salvador, o Profeta, o Rei, o sacerdote, o único e verdadeiro Messias*, prevaleça.



Willy Robert Henriques

### Sobre o autor

Estudou História, Geografia e Arqueologia do Antigo Oriente na ECTM (Escola de Capacitação Teológica Ministerial 2013-2014). Kursou teologia pelo CETADEB (2011-2013). Professor de teologia bíblica e sistemática no Instituto IBH (2017-2019). Aluno do Seminário Martin Bucer. Atualmente pastor da Igreja Batista em Santa Fé de Minas - MG. Casado com Rosy.

# Lançamentos

## 50 verdades centrais da fé cristã

Um guia para compreender e ensinar teologia

Gregg R. Allison | 16x23 cm | 464 p.

Para que os cristãos tenham condição de transmitir a fé com convicção, a doutrina cristã deve ser confessada pela igreja, ensinada de geração em geração e aplicada à vida. Nesta obra, o teólogo Gregg Allison explica 50 doutrinas essenciais da fé cristã de maneira clara e envolvente, fornecendo orientações sobre como ensiná-las com precisão.



AUGUSTUS NICODEMUS

## O PODER DE DEUS PARA A SANTIFICAÇÃO

A MENSAGEM DE ROMANOS 8-16  
PARA A IGREJA DE HOJE

VIDA NOVA

## O poder de Deus para a santificação

A mensagem de Romanos 8-16 para a igreja de hoje

Augustus Nicodemus Lopes | 14x21 cm | 688 p.

Neste segundo volume de seu comentário de Romanos, Augustus Nicodemus expõe de maneira simples, clara e prática os ensinamentos de Paulo contidos nos capítulos de 8 a 16 de sua carta. Valendo-se de uma abordagem histórico-gramatical, o autor mostra como os princípios alistados pelo apóstolo para resolver os problemas internos da igreja romana ainda são válidos para o nosso tempo, em que ainda deparamos com questões similares às enfrentadas por Paulo.

## Os Dez Mandamentos

Significado, importância e motivos para obedecer

Kevin DeYoung | 14x21 cm | 208 p.

Nesta obra, Kevin DeYoung realça a atemporalidade e a qualidade moral dos mandamentos de Deus, analisando cuidadosamente cada ordenança à luz da aliança mosaica e do cumprimento da lei por parte de Cristo. Com base no Sermão do Monte, DeYoung demonstra o propósito moral e a verdade essencial do Decálogo, além de esclarecer o que ele é, por que devemos conhecê-lo e como aplicá-lo. Este livro ajudará o leitor a entender e a seguir a lei de Deus, deleitando-se nela.

